

**Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Filosofia
Programa de Pós-Graduação em Filosofia**

**X SEMINÁRIO INTERNO DO PPGFIL
FAFIL-UFG**

Programação



Caderno de Resumos

**Organização e editoração do Caderno:
Renato Moscateli**

**Goiânia
12 a 14 de novembro de 2018**

Programação do X Seminário Interno da Pós-Graduação

12/11 (Segunda-Feira)

Sessão 1: 10:00 h às 12:00 h

Mesa 1 - Sala de Defesas da FAFIL

Coordenadora: Júlia Lemos Vieira

- **Mestranda:** Elga Lustosa de Moura Nunes - **Título da comunicação:** As assembleias na República de Genebra do século XVIII e o perigo da prevalência de interesses de grupos para o Estado republicano
- **Mestranda:** Kellen Aparecida Nascimento Ribeiro - **Título da comunicação:** Apontamentos e nuances sobre a vivência e a duplicidade do homem da natureza
- **Mestrando:** Marcelo Henrique Lisboa da Silva - A liberdade individual na teoria política de Rousseau
- **Doutorando:** Wilame Gomes de Abreu - **Título da comunicação:** Fundamentos da Teoria da Convenção em Jean-Jacques Rousseau

Mesa 2 - Sala do 3º Ano de Filosofia

Coordenador: Fabien G. J. Schang

- **Mestrando:** Igor de Souza Cesário - **Título da comunicação:** As proposições fulcrais e os limites da racionalidade
- **Mestrando:** Igor Souza Saraiva - **Título da comunicação:** O que é Teoria das Categorias?
- **Doutorando:** Sebastião Alonso Júnior - **Título da comunicação:** Regras de sentido e exercício da compreensão
- **Doutorando:** Vinícius Rodrigues Maione - **Título da comunicação:** O paradoxo do “conceito cavalo”

Sessão 2: 14:00 h às 16:00 h

Mesa 3 - Sala do 2º Ano de Filosofia

Coordenador: Daniel de Vasconcelos Costa

- **Doutoranda:** Carmelita Brito de Freitas Felício - **Título da comunicação:** Uma questão, duas pensadoras: párias e assimiladas; excluídas e abjetas - Hannah Arendt e Judith Butler
- **Mestrando:** Joaquim Onofre Silva Neto - **Título da comunicação:** A liberdade em crise: ruptura da tradição política na perspectiva arendtiana
- **Doutorando:** José dos Santos Filho - **Título da comunicação:** Trabalhar, operar e agir: a relação entre a *vita activa* e juízo político no mundo
- **Mestrando:** Juvercino Arcanjo dos Santos - **Título da comunicação:** Personalidade e trabalho no pensamento de Hannah Arendt

Mesa 4 - Sala do 3º Ano de Filosofia

Coordenador: André de Góes Cressoni

- **Doutorando:** Claudio Alexandre Figueira Gomes - **Título da comunicação:** Problemas na distinção entre agir comunicativo e agir estratégico em Habermas
- **Doutorando:** Elvis de Oliveira Mendes - **Título da comunicação:** Leo Strauss e o resgate da filosofia política: a solução clássica
- **Mestrando:** Marcelo Rodrigues de Melo - **Título da comunicação:** Os três mal-estares da modernidade por Charles Taylor

16:00 h às 16:30 h - Coffee Break

Sessão 3: 16:30 h às 18:30 h

Mesa 5 - Sala do 2º Ano de Filosofia

Coordenador: Daniel de Vasconcelos Costa

- **Doutorando:** Éden Farias Vaz - **Título da comunicação:** O Limite do Perdão: a relação entre perdoar e punir no pensamento de Hannah Arendt
- **Doutorando:** João Lourenço Borges Neto - **Título da comunicação:** Vidas abandonadas e os escombros da história
- **Mestrando:** João Pedro Andrade de Campos - **Título da comunicação:** Fenomenologia e Política: uma leitura de Hannah Arendt
- **Doutorando:** Pedro Lucas Dulci - **Título da comunicação:** Sacralização e política: leituras da contemporaneidade através da filosofia de Giorgio Agamben

Mesa 6 - Sala do 3º Ano de Filosofia

Coordenador: Thiago Suman Santoro

- **Mestrando:** Divino Ribeiro Viana - **Título da comunicação:** A biofísica de Espinosa
- **Mestrando:** Laércio Melo Martins - **Título da Comunicação:** O processo saúde-doença em Espinosa no *Tratado da Emenda do Intelecto*

Mesa 7 - Sala de Defesas da FAFIL

Coordenadora: Carla Milani Damião

- **Doutorando:** Eder David de Freitas Melo - **Título da comunicação:** Sobre o Descartes de Nietzsche: a propósito das tensões de Nietzsche com a Modernidade
- **Doutorando:** Gilmário Guerreiro da Costa - **Título da comunicação:** Práxis e revolução nas teses sobre a filosofia da história de Walter Benjamin
- **Doutoranda:** Mariana Andrade Santos - **Título da comunicação:** Os arabescos entrelaçados entre o lembrar e o esquecer

13/11 (Terça-Feira)

Sessão 1: 14:00 h às 16:00 h

Mesa 1 - Sala do 2º Ano de Filosofia

Coordenadora: Júlia Lemos Vieira

- **Mestranda:** Angélica Carvalho Sant'Anna - **Título da comunicação:** As necessidades enquanto princípio da ação em Jean-Jacques Rousseau
- **Doutorando:** Anderson Carvalho dos Santos - **Título da comunicação:** Uma estrutura inicial para pensar o problema da coação e da liberdade na formação do aluno imaginário de Rousseau
- **Mestrando:** André Rezende Soares Correia - **Título da comunicação:** O Governo: entre Rousseau e o presidencialismo de coalizão
- **Doutorando:** Junio Cezar da Rocha Souza - **Título da comunicação:** A piedade biológica e a questão do sofrimento em Rousseau

Mesa 2 - Sala do 3º Ano de Filosofia

Coordenadora: Adriana Delbó Lopes

- **Mestrando:** Davi Maranhão De Conti - **Título da comunicação:** O que é biopolítica?
- **Doutorando:** Guilherme de Freitas Leal - **Título da comunicação:** A Arqueologia e a Genealogia no pensar de Foucault: ferramentas-chave na Abertura para o Outro
- **Mestranda:** Luzia Conceição da Silva Oliveira - **Título da comunicação:** O poder pastoral e o poder político uma aliança que deu certo. Para quem?
- **Doutorando:** Ramon T. Piretti Brandão - **Título da comunicação:** Dos processos de subjetivação

16:00 h às 16:30 h - Coffee Break

Sessão 2: 16:30 h às 18:30 h

Mesa 3 - Sala do 2º Ano de Filosofia

Coordenador: André de Góes Cressoni

- **Doutorando:** Aelton Leonardo Santos Barbosa - **Título da comunicação:** O Paradoxo de Mandeville e a herança liberal
- **Mestrando:** Renato César Rodrigues - **Título da comunicação:** O conceito de *trabalho* nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de Marx
- **Mestranda:** Lais Cristina Rocha de Jesus - **Título da comunicação:** Limites do liberalismo deontológico rawlsiano

Mesa 4 - Sala do 3º Ano de Filosofia

Coordenador: Fábio Ferreira de Almeida

- **Mestrando:** André Prock Ferreira - **Título da comunicação:** A cotidianidade mediana no pensamento de Heidegger
- **Doutorando:** José Reinaldo Felipe Martins Filho - **Título da comunicação:** Por um retorno ao homem em Heidegger? De *Sein und Zeit* aos *Beiträge zur Philosophie*
- **Doutoranda:** Leidiane Coimbra - **Título da comunicação:** Escutar o destino – os modos de ser no mundo
- **Doutoranda:** Thayla Magally Gevehr - **Título da Comunicação:** Quem é o *Dasein*? O testemunho da consciência como apelo ao ser si-mesmo próprio

14/11 (Quarta-Feira)

Sessão 1: 08:30 h às 10:00 h

Mesa 1 - Sala do 2º Ano de Filosofia

Coordenador: Rafael Rodrigues Pereira

- **Mestrando:** George Felipe Bernardes Barbosa Borges - **Título da comunicação:** A influência de Aristóteles no desenvolvimento da filosofia prática do período helenístico
- **Mestrando:** Victor Augusto Barbosa Vieira - **Título da comunicação:** Paralogismos Acidentais nas Refutações Sofísticas de Aristóteles

Mesa 2 - Sala do 3º Ano de Filosofia

Coordenador: Guilherme Ghisoni da Silva

- **Mestrando:** Diego Calassa Neri - **Título da Comunicação:** Liberdade e Autonomia nos Cursos de Estética de Hegel
- **Mestranda:** Fernanda Azevedo Silva - **Título da comunicação:** A novidade intermitente e o antiessencialismo de Morris Weitz
- **Mestrando:** Marcelo Tannus Goulart - **Título da comunicação:** *O principium individuationis* em *O Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche, e na *Filosofia da Nova Música*, de Adorno

Sessão 2: 10:30 h às 12:00 h

Mesa 3 - Sala do 2º Ano de Filosofia

Coordenador: Thiago Suman Santoro

- **Mestrando:** Bergkamp Pereira Magalhães - **Título da comunicação:** A mão e seu reflexo: o argumento das duas mãos de Robert Hanna contra a cegueira das intuições de Immanuel Kant
- **Mestrando:** Leonardo Siqueira Gonçalves - **Título da comunicação:** A recusa em explicar a consciência como estado mental de um sujeito em Fichte e Wittgenstein
- **Doutoranda:** Priscilla da Veiga Borges - **Título da comunicação:** Idealismo e consciência na filosofia de Wittgenstein

Mesa 4 - Sala do 3º Ano de Filosofia

Coordenador: Fábio Ferreira de Almeida

- **Doutorando:** Frederico Duarte Pires de Sousa - **Título da comunicação:** O Problema do tempo em Koyré a partir de seu primeiro Descartes
- **Mestrando:** Jean Carlos Campos de Souza Junior - **Título da comunicação:** O tempo absoluto no período platonista russelliano
- **Mestrando:** Marcos Bruno Silva - **Título da comunicação:** Sobre a História das Ciências em Georges Canguilhem

Sessão 3: 14:00 h às 16:00 h

Mesa 5 - Sala do 2º Ano de Filosofia

Coordenadora: Araceli Rosich Soares Velloso

- **Doutorando:** Chiyoko Gonçalves do Nascimento Oliveira - **Título da comunicação:** Goodman e a construção mereológica da percepção
- **Mestrando:** Diogo Conceição da Silva - **Título da comunicação:** A relação entre geometria e aritmética na Matemática Grega
- **Doutorando:** Filipe Borges Albernaz - **Título da comunicação:** Identidade e Igualdade no Intuicionismo de Martin-löf
- **Doutorando:** Paulo Júnio de Oliveira - **Título da comunicação:** Brouwer e Dummett sobre infinitude espacial

Mesa 6 - Sala do 3º Ano de Filosofia

Coordenador: Hans Christian Klotz

- **Doutorando:** Caius Brandão - **Título da comunicação:** O Castigo como Mnemotécnica da Moralidade dos Costumes
- **Doutorando:** Hamilton Cezar Gomes Gondim - **Título da comunicação:** Sartre leitor de Kojève-Hegel
- **Doutoranda:** Júlia Sebba Ramalho Morais - **Título da comunicação:** O holismo monista na filosofia de Hegel e a unidade corpo e alma

16:00 h às 16:30 h - Coffee Break

Palestra de encerramento: 16:30 h

Profa. Dra. Sue Matheson (University College of the North)

Título da palestra: Othering, Doubling and Abjection: domestic horror in Henry Selick's *Coraline* (2009)

Mediadora: Profa. Dra. Carla Milani Damião

Sala de Defesas da FAFIL

RESUMOS

Doutorando: Aelton Leonardo Santos Barbosa

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Adriano Correia Silva

Título do projeto de pesquisa: Somos todos um? Uma genealogia da noção de sociedade civil

Título da comunicação: O Paradoxo de Mandeville e a herança liberal

Resumo:

Vícios individuais levam a benefícios públicos. Essa afirmação paradoxal, formulada de maneira explícita pela primeira vez por Bernard Mandeville, em sua “Fábula das Abelhas”, tornou-se uma crença fundamental sem a qual o edifício do pensamento econômico liberal não pode ser pensado. A forma como esse encadeamento é justificado, entretanto, variou enormemente; o embaraço do liberalismo clássico em explicar a aparente contradição pode ser medido por quanto foi necessário recorrer a uma fundamentação metafísica para garantir que os indivíduos egoístas (ou “possessivos”, na formulação de Macpherson) da teoria liberal viveriam em sociedades harmoniosas e prósperas. É precisamente este nó o que pretendo desatar nesta comunicação: isto é, a relação entre, por um lado, ações individuais visando o interesse privado e, por outro, a prosperidade e progresso das sociedades no discurso liberal. Partirei de duas obras um tanto heterogêneas do iluminismo escocês, ambas com uma recepção ambígua do dito mandevilliano: o “Ensaio sobre a História da Sociedade Civil”, de Adam Ferguson, e “A Riqueza das Nações”, *magnum opus* de Adam Smith. Malgrado suas diferenças em escopo, proposta, e mesmo em muitas conclusões, existem diversos pontos em comum entre essas obras que as colocam na herança mandevilleana, entre os quais: a) a formação natural de uma sociedade entre os homens a partir da busca da satisfação de interesses privados; b) a imprevisibilidade ou impossibilidade da ação humana regulatória sobre as coletividades políticas; c) o progresso inerente às sociedades humanas, desde que não sejam colocados empecilhos à sua atividade econômica espontânea; d) a necessidade de recorrer a um princípio metafísico que garante a prosperidade apesar do conflito de interesses que caracteriza a sociedade civil.

Doutorando: Anderson Carvalho dos Santos

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Renato Moscateli

Título do projeto de pesquisa: Formação pedagógica e moral do homem em Rousseau: da coação tácita à liberdade transparente

Título da comunicação: Uma estrutura inicial para pensar o problema da coação e da liberdade na formação do aluno imaginário de Rousseau

Resumo:

Nesta comunicação pretendo apresentar uma estrutura básica da tese que foi pensada juntamente com meu orientador. Tendo em vista o tempo da comunicação, apresentarei de forma rápida os títulos e subtítulos provisórios que foram pensados para cada capítulo juntamente com um breve resumo que mostrará o que será abordado em cada um deles. Inicialmente a estrutura da tese foi dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo trará à discussão conceitos de extrema relevância na filosofia de Rousseau, a saber, estado de natureza, homem natural, amor-de-si, amor-próprio, piedade, com o objetivo de demonstrar que tais conceitos fazem parte dos fundamentos do pensamento rousseauiano, sem os quais é impossível seguir com qualquer investigação que busque compreender aspectos da obra do cidadão de Genebra. No capítulo seguinte, a reflexão se concentrará diretamente no conceito de liberdade, começando com a exposição das ideias de Rousseau a respeito das noções de liberdade natural política e moral e depois passando a alguns de seus críticos, buscando compreender as razões de o acusarem de inimigo da liberdade e defensor do totalitarismo. A ideia do terceiro capítulo é abordar diretamente a educação e a formação no *Emílio* e discutir temas como Natureza e Educação, Educação Física, Moral e Política já situando a liberdade como elemento crucial para o processo de formação humana. O último capítulo será destinado a discutir o tema central da tese: a relação entre os conceitos de liberdade e coerção no processo de formação humana. A ideia é pensar as possibilidades de uma formação pedagógica e moral que garanta a autonomia do sujeito mesmo havendo atos coercitivos que, de certo modo, limitam o exercício da liberdade durante a infância e a adolescência.

Mestrando: André Prock Ferreira

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Fábio Ferreira de Almeida

Título do projeto de pesquisa: O fenômeno *Mundo* no pensamento de Martin Heidegger

Título da comunicação: A cotidianidade mediana no pensamento de Heidegger

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma possível compreensão do âmbito da *cotidianidade mediana*, tal como a vemos desenvolvida por Heidegger no projeto da analítica existencial do *Dasein* empreendida pelo autor na década de 1920, especialmente entre os textos *Prolegômenos para uma história do conceito de tempo* (1925) e *Ser e Tempo* (1927). A analítica existencial consiste na interpretação das estruturas originárias do *Dasein*, o ente eleito por Heidegger como fio condutor da investigação acerca da reelaboração da questão sobre o sentido de Ser. *Dasein* refere-se a um modo de ser do homem que possui o privilégio de ser ôntico-ontológico, ou seja, é a partir do seu existir que o Ser pode ser questionado. O *Dasein* pode ser compreendido a partir da estrutura unitária *ser-no-mundo* (*In-Der-Welt-Sein*). Tal estrutura comporta uma tríplice visualização: *em-um-mundo*; *quem* e *ser-em*. Nesta estrutura não há uma hierarquia entre os constituintes fundamentais, mas há um primado metodológico do fenômeno *Mundo*. Sendo assim, o *mundo* é um dos constituintes fundamentais do *Dasein*, ele é o primeiro constituinte a ser analisado. A interpretação/investigação sobre o fenômeno *mundo* é realizada mais detidamente por Heidegger na descrição fenomenológica da *Mundanidade do Mundo*, na qual ele se ocupa da análise do *mundo circundante*. Contudo, antes mesmo dessa tematização específica, o fenômeno *mundo* já se mostrava como questão para Heidegger quando ele propõe que investiguemos o mundo a partir de outra via, que por sua vez, não deve assumir nenhuma ideia determinada de existência. Assim, de acordo com a nossa hipótese, torna-se possível uma melhor compreensão do fenômeno *mundo* a partir da análise do âmbito da *cotidianidade mediana*. Este âmbito é o horizonte no qual o *Dasein* se encontra em uma primeira visualização e na maioria vezes, isto é, enquanto horizonte de comportamento e familiaridade a partir de uma pré-compreensão de ser.

Mestrando: André Rezende Soares Correia

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Renato Moscateli

Título do projeto de pesquisa: Presidencialismo de coalizão: objeções a partir de Rousseau

Título da comunicação: O Governo: entre Rousseau e o presidencialismo de coalizão

Resumo:

A proposta do presente trabalho é refletir o governo ou Poder Executivo entre as reflexões de Rousseau, considerando suas ideias acerca da vontade geral, soberania, a não representação do corpo político, a relação do governo com o soberano, que não pode ultrapassar suas competências, como pensa o filósofo, definidas pelo Legislador, que estabelece as diretrizes gerais ao governo instituído, o qual tem a função de ser um corpo intermediário entre aquele soberano e os cidadãos e, desse modo, refletir como as coalizões partidárias agem e se comportam no cenário político em torno destes dois poderes, Legislativo e Executivo. Propõe-se raciocinar como tais coalizões, em suas deliberações ou acordos, são capazes de influenciar tanto o governo como o Legislativo, ou que suas composições políticas podem interferir no governo ditando os modos de administração e execução daquilo que foi determinado pelo soberano. O tema exposto tentará refletir entre o que Rousseau tenta tutelar, a vontade geral, isto é, o bem coletivo, com um governo por ele bem ordenado, definido e com funções típicas e determinadas que não ultrapasse a soberania do povo, diante daquelas coalizões que emergem dentro do cenário político, como espécie de vontades de grupos ou associações e que, assim, podem ou não oferecerem condições de estabilidade, governabilidade, diálogo, consenso, ou seja, vontades que surgem entre o governo e o soberano, conforme pensado por Rousseau, que ganham força política de neles interferir e, com isso, porquanto, analisar se tais vontades, em forma de coalizões, condizem e contribuem com um bom governo, por exemplo, sua atuação no espaço público, se as matérias por elas debatidas atingem de fato todo o corpo coletivo. Assim, o que se quer pensar é como tais coalizões, diante de sua existência como força política, entre governo e Legislativo, podem manter ou não um equilíbrio entre vários interesses, isto é, aquilo que a vontade geral determina e a atuação do governo em suas relações com o coletivo, que são as diversas vontades em comum, e com o soberano, observando a dupla relação deste governo como corpo intermediário com a função também de zelar, equilibrar e impedir que vontades particulares possam interferir e desviar a vontade geral. Enfim, pretende-se refletir como o governo e aquelas coalizões, ainda que detentoras de forças políticas existentes no Estado, devem cumprir seus papéis republicanos sem riscos à vontade geral e a sua soberania.

Mestranda: Angélica Carvalho Sant'Anna

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Renato Moscateli

Título do projeto de pesquisa: Rousseau e as necessidades

Título da comunicação: As necessidades enquanto princípio da ação em Jean-Jacques Rousseau

Resumo:

Ultrapassando as definições daquilo que Rousseau supõe como Estado de Natureza e do homem selvagem, esta comunicação pretende analisar se, segundo o autor, seriam as necessidades um princípio da ação. Entendemos que a ação é própria do homem enquanto ser dotado de liberdade, a quem pertence o querer, o poder e, portanto, o fazer. Enquanto os animais verificam as necessidades e se movem da forma qual o instinto instrui, o homem é o agente livre da natureza. Todavia, a necessidade ainda é aquilo que obriga o suposto homem selvagem a utilizar o próprio corpo como instrumento, e a perfectibilidade, aquilo que o permite as modificações necessárias à conservação de si mesmo, atendendo às necessidades que possam surgir. A perfectibilidade, portanto, possui um vínculo profundo com aquilo que possa ser a necessidade de primeira ordem: conservar-se. Mas, sendo livre e não se movendo apenas pelo que a natureza instrui, poderia ele agir em contradição com as próprias necessidades? Ao que parece, supondo o selvagem, este que considera apenas o amor de si e que tem apenas a si mesmo para suprir-se, a resposta à questão é negativa. Este solitário instrumentado por si mesmo não agiria de forma contrária àquilo que é ditado pelas suas necessidades, todas verdadeiras. E mesmo desenvolvendo-se, artificiando pequenos ferramentas ante à fertilidade que a terra recusa, ainda assim o faz por necessidade de bem-estar. Porém, quando já transformado pelas necessidades mútuas que nele influíram as adversidades comuns, até então naturais, movendo-se pelas faltas da natureza que colocaram os homens de encontro uns com os outros, já provido de um olhar sobre si mesmo e para o outro, a questão se transforma, e das necessidades verdadeiras tem-se a verdade das necessidades artificiais pelo homem, estas que já não supririam mais apenas a própria conservação como também o próprio orgulho. Para essa resposta alguns esclarecimentos são necessários: qual o vínculo entre necessidade e paixão? Haveria um desejo de conservar-se por trás da ação? Que seja um desejo modificado pelo olhar do outro e enchido de amor-próprio numa necessidade incessante de estar além de si mesmo, isso move a ação? E, levantando já o sentido de que Rousseau aconselha uma vida frugal para melhor organização política e liberdade, além de trazer em conjunto suas críticas ao luxo e aos grilhões da sociedade civil, de que forma a alteração por parte da organização social influi sobre a ação; e se, seria, o luxo causador não de bem-estar, mas de medo. São estas as questões que movem a pesquisa neste momento. Ademais, pretende-se ainda lançar luz sobre conceitos que perpassam as obras do pensador genebrino em diversos momentos de sua reflexão sobre a moral e sobre política. Entremeando as obras e buscando uma visão geral do problema, no *Primeiro discurso*, um foco sobre a relação entre necessidade do corpo e necessidades do espírito associados aos fundamentos da sociedade e ornamentos da sociedade, respectivamente; no *Ensaio sobre a origem das línguas*, necessidades físicas e necessidades morais; no *Segundo Discurso*, necessidades naturais e necessidades artificiais; no *Contrato Social*, as dependências pessoais e dependências da coletividade que se fundamentam na oposição entre escravidão e liberdade; na obra *Emílio*, além de reafirmar alguns temas, diferenciar a dependência das coisas da dependência dos homens. Tento promover, assim, o conceito de necessidade em seu fundamento e ramificações segundo Jean-Jacques Rousseau.

Mestrando: Bergkamp Pereira Magalhães

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do conhecimento

Orientador: Thiago Suman Santoro

Título do projeto de pesquisa: Conceitualismo e Não-Conceitualismo: da possibilidade ou não de intuições nos fornecerem objetos sem intermédio do entendimento

Título da comunicação: A mão e seu reflexo: o argumento das duas mãos de Robert Hanna contra a cegueira das intuições de Immanuel Kant

Resumo:

Ao afirmar que pensamentos sem conteúdo são vazios, intuições sem conceitos são cegas, Kant nos diz que, ao contrário do que Leibniz defendia, a sensibilidade não é um pensamento confuso para o qual o entendimento funcionaria como um óculos, mas a intuição sem conceitos é cega e, portanto, o entendimento funciona como o próprio olho. Isto porque intuição e entendimento são faculdades que trabalham em conjunto e não trocam de função. O entendimento pensa o múltiplo dado na intuição sensível tornando-o objeto, enquanto a intuição contém apenas o modo como somos afetados por este múltiplo dado. A afirmação de que as intuições sem conceitos são cegas despertou algumas pessoas para a investigação acerca de quão válido é esta afirmação kantiana, isto é, a investigação destes diz respeito à possibilidade de estabelecer um contato epistêmico com um objeto físico singular sem qualquer mediação conceitual. Em outras palavras, se um objeto nos pode ser dado sem conceitos. Enquanto os Não Conceitualistas defendem esta possibilidade, os Conceitualistas a negam. A defesa apresentada por Wilfrid Sellars para o conceitualismo apoia-se na definição de intuição como sendo uma representação imediata de um singular, assim ele propõe que a intuição é como um conceito que apreende um único indivíduo, não como descrição definida, mas a partir do pronome demonstrativo “isto”, visto que, ao contrário do conceito que é uma representação geral, a intuição representa um singular e esta representação determina o objeto como um isto de tal e tal tipo. Ao representar um objeto com um “isto” a intuição se mostra como conceitual, apesar de apenas localizar o objeto dado no tempo e no espaço. A crítica de Robert Hanna ao conceitualismo é a recusa de conceitos demonstrativos, como o proposto por Sellars, como conceitos, em razão de haver por um lado uma representação singular e por outro uma conceitualização, isto é, uma representação geral. Robert Hanna procura fundamentar sua crítica ao conceito demonstrativo proposto pelos conceitualistas a partir do exemplo de uma mão e seu reflexo no espelho. O argumento consiste em mostrar que não é possível apontar uma descrição intrínseca à mão e seu reflexo a fim de diferenciá-los, isto porque as partes incongruentes compartilham as mesmas propriedades, tem exatamente a mesma forma e tamanho, e correspondem ponto-a-ponto. Deste modo, Robert Hanna afirma que apenas um conteúdo não conceitual poderia diferenciar a mão e o reflexo desta, pois apenas um conteúdo não conceitual poderia representar a localização única dos objetos a partir do ponto de vista espacial e temporal do sujeito. Por conseguinte, apenas com a intuição seria possível estabelecer uma diferenciação entre o reflexo e a mão, visto que a distinção só é possível a partir da localização de ambas as partes no tempo e no espaço. Desta forma, o artigo pretende discutir os argumentos contra a afirmação kantiana que intuições são cegas, investigando especificamente a visão de Robert Hanna sobre o tema.

Doutorando: Caius Brandão

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Carla Damião Damião

Título do projeto de pesquisa: A Origem e os Sentidos do Castigo em Friedrich Nietzsche

Título da comunicação: O Castigo como Mnemotécnica da Moralidade dos Costumes

Resumo:

Não há como não sentir uma grave inquietação sobre o problema da justiça quando todos pensam poder realizá-la por meio do direito de punir. A nossa pesquisa de doutoramento se propõe a refletir teoricamente sobre os modelos de justiça onde o *castigo* significa retribuição ou mera utilidade. A partir daí, os problemas se multiplicam e assumem novas envergaduras. Por exemplo, o modelo de justiça retributiva propõe honrar os justos e castigar os malfeitores. Pois bem, mas por que a preferência pelo castigo e o desprezo pelas honrarias em nossos sistemas de justiça? Já o modelo utilitarista da justiça representa uma grave ameaça a um princípio moral muito caro para os modernos: aquele que diz que cada indivíduo tem um fim em si mesmo, logo, ninguém pode ser tratado como um meio para um fim. Um exemplo seria castigar um inocente pela utilidade de punir alguém. Tais dificuldades são gestadas e prosperam em nossos sistemas de justiça moral e jurídica. A partir da filosofia de Friedrich Nietzsche, pretendemos criticar teoricamente os modelos de justiça retributiva e utilitarista, questionar a moralidade dos seus sistemas punitivos e denunciar suas técnicas e mnemotécnicas, mas o que somente será possível ao final de uma longa, meticulosa e bem estruturada pesquisa, particularmente, das obras mais maduras do filósofo e de seus intérpretes.

Todavia, o objetivo central desta comunicação é apresentar um breve estudo que examina a essencialidade das faculdades do esquecimento e da memória na filosofia de Nietzsche e, em especial, as razões que levam o filósofo a enxergar o castigo como a mais importante técnica mnemônica na criação da *moralidade dos costumes* e a manutenção da vida em sociedade. Aqui, já pensamos com o léxico nietzschiano, pois é com este pensador que nos propomos a refletir sobre como e porque o homem obstruiu a força do esquecimento, forjando em si a capacidade da memória. Em sua *Genealogia da moral*, Nietzsche questiona quanta dor e quanto sangue foi necessário para controlar o instinto de liberdade do homínido e o seu excedente pulsional. Ele também coloca em evidência os instrumentos utilizados para criar a habilidade da memória no bicho homem – este ser obtuso e cuja força ativa e natural do esquecimento acorrenta-o à fruição de um eterno presente – tal como os animais, cuja felicidade nós invejamos, ironiza o filósofo.

A metodologia utilizada neste estudo compreendeu uma pesquisa bibliográfica primária e secundária, com foco nas obras: *Genealogia da moral*; *Aurora*; e *Segunda consideração intempestiva*, todas de autoria do filósofo alemão. Por meio destas obras, ficará demonstrado que Nietzsche reconhece a importância da memória e, conseqüentemente, da História para o desenvolvimento do indivíduo, do povo e da cultura. Por outro lado, será enfatizada a crítica que o pensador faz ao *historicismo moderno* e a necessidade de valorização da faculdade do esquecimento para afirmação da vida e da capacidade de ação do homem. Por fim, com base no estudo genealógico da moral, realizado pelo filósofo alemão, ficará evidenciada a importância das práticas punitivas para a criação da memória, a domesticação dos homens e a conseqüente observância da moralidade do costume, desde a pré-história da humanidade.

Doutoranda: Carmelita Brito de Freitas Felício

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Carla Milani Damião

Título do projeto de pesquisa: Párias, assimiladas e excluídas: reconsiderar a condição das mulheres a partir das margens da filosofia política de Hannah Arendt

Título da comunicação: Uma questão, duas pensadoras: párias e assimiladas; excluídas e abjetas - Hannah Arendt e Judith Butler

Resumo:

Hannah Arendt, no livro *Rahel Varnhagen - A vida de uma judia alemã na época do romantismo* (1994), analisa um dos aspectos do complexo problema da assimilação, ou seja, a maneira pela qual a assimilação à vida intelectual e social do meio funciona concretamente na história de vida de uma mulher, moldando assim um destino pessoal. Arendt interpreta o destino de Rahel sob o ângulo de uma tragédia da assimilação. Os judeus puderam escapar do judaísmo pela conversão; mas da qualidade de judeus não havia como escapar. Do outro lado da conversão espreita um vazio, não outra identidade. O convertido perde sua identidade sem adquirir nada em troca. Assim, “em uma sociedade que é, em seu conjunto, antissemita [Arendt escreve] só é possível assimilar-se, assimilando-se também ao antissemitismo”. Assimilação quer dizer então assemelhação, isto é, tornar deliberadamente similares os que são diferentes, pessoas ou grupos. Trata-se de uma operação essencialmente política. Com efeito, Arendt vivia o mesmo dilema de Rahel: entre a assimilação e a posição de pária, como definir a identidade judaica? Arendt irá desenvolver, assim, sua concepção de pária, dando ênfase ao seu sentido político. Figuras históricas como Rahel Varnhagen e Rosa Luxemburgo, por exemplo, tinham uma característica comum: cada qual, a seu modo, era uma excluída, eram párias. No sentido mais amplo, não-assimiladas. À luz do exposto, nosso propósito é avaliar o quão ambígua é a liberdade preconizada pela emancipação das mulheres e o quão traiçoeira é a promessa de igualdade que a assimilação realizou. Daí a importância de se retomar o conceito de pária para avaliar a condição das mulheres em nossos dias a partir dos possíveis vínculos que a figura do pária pode ter com a precariedade, a vulnerabilidade e a abjeção, à luz dos trabalhos mais recentes de Judith Butler. Desse modo, estamos partindo da hipótese segundo a qual é imprescindível que a luta conceitual e filosófica que os feminismos contemporâneos abraçam estejam relacionadas com a politização dessas questões ligadas diretamente à sobrevivência (precariedade, vulnerabilidade, abjeção...) especialmente porque, como dirá Butler (2002), “a abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política”. Corpos e vidas que *não* importam são ‘abjetos’. Falar de corpos e vidas abjetas, reconhecer sua existência, atribuir-lhes importância significa elaborar contra-discursos para empoderar esses corpos, subvertendo os discursos hegemônicos que os mantêm na invisibilidade.

Doutorando: Chiyoko Gonçalves do Nascimento Oliveira

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientadora: Araceli Rosich Soares Velloso

Título do projeto de pesquisa: Reduccionismo e antirreduccionismo em Rudolf Carnap e Nelson Goodman

Título da comunicação: Goodman e a construção mereológica da percepção

Resumo:

Nesta comunicação pretendo argumentar que a mereologia de Nelson Goodman, ou seu cálculo de indivíduos, possui uma função central para a construção de uma linguagem fenomenológica. Tal função é a de uma metodologia da construção dos fenômenos da percepção que seja ao mesmo tempo econômica e versátil. O modo como a mereologia é posta estabelece que seja possível uma construção fenomênica. A mereologia nesse caso está subordinada a construções sistêmicas prévias que autorizem ou desautorizem átomos e complexos mereológicos. As construções de toda forma devem obedecer a um sistema previamente dado de definições que estipulem os elementos a serem explorados pelo sistema em questão.

Doutorando: Claudio Alexandre Figueira Gomes

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Adriano Correia Silva

Título do projeto de pesquisa: Uma análise das interposições entre ação comunicativa e ação estratégica na obra de Jürgen Habermas

Título da comunicação: Problemas na distinção entre agir comunicativo e agir estratégico em Habermas

Resumo:

O conceito de weberiano de “racionalidade instrumental” certamente representa uma grande contribuição para a compreensão das relações sociais, tanto entre indivíduos, quanto entre instituições. Habermas reconhece o êxito do conceito weberiano ao absorvê-lo como chave de leitura dos sistemas socialmente constituídos. Apesar desse reconhecimento, Habermas consagra a crítica à racionalidade instrumental weberiana, impondo-lhe limites. Em *Teoria do Agir Comunicativo*, Habermas oferece descrições mais bem definidas ao conceito de “racionalidade comunicativa”, outrora já presente em vários de seus escritos anteriores. Em linhas gerais, o autor propõe que a racionalidade instrumental assumida subjetivamente dependeria de uma reificação intersubjetiva para constituir sua significação. Essa observação impõe, portanto, um limite epistemológico à racionalidade, visto que lhe é negada uma origem intrínseca ao campo da subjetividade. Em sua ponderação, Habermas situa novamente a racionalidade no conjunto de relações que os sujeitos mantêm em cada sociedade. Dessa forma, mesmo o desempenho de estratégias bem definidas por sujeitos para alcançar suas finalidades almejadas tem na base da formação de seus termos um conjunto de relações sociais que lhe conferem significado e, portanto, entendimento. Ainda assim, Habermas reconhece a possibilidade de distinção entre os expedientes estratégicos e comunicativos da racionalidade – de tal modo que a ação racional poderia ser orientada à realização de fins específicos estabelecidos, ou ao entendimento mútuo. Tal distinção recai, ainda, sobre o contexto moral. Em sua versão da “Ética do Discurso”, Habermas apresenta sua leitura dos tipos de racionalidade como pano de fundo de uma investigação sobre a possibilidade do desenvolvimento de uma normatividade social. Situada no âmbito moral, a racionalidade comunicativa é compreendida como o meio pelo qual são cunhados os termos da moralidade. Assim, as noções acerca do “justo” e do “injusto”, bem como do “certo” e do “errado”, passam a ter sua significação gerada a partir de processos comunicativos, visando o entendimento mútuo. Com tal distinção, Habermas passa a ter um novo eixo capaz de reafirmar os contrastes entre o agir estratégico, orientado ao êxito e o agir comunicativo, orientado ao entendimento mútuo; de modo que o desenvolvimento das perspectivas normativas seria fundamentalmente dependente do procedimento comunicativo e o desenvolvimento da racionalidade instrumental, no sentido do agir estratégico, poderia muito bem se abster de qualquer prerrogativa moral. Diante do exposto, pretendo apresentar as perspectivas atuais de meu projeto de pesquisa. Trata-se da apresentação de algumas leituras problematizadoras acerca da distinção habermasiana entre os conceitos de “agir comunicativo” e “agir estratégico”. Primeiramente, farei uma breve apresentação desses conceitos, bem como de alguns dos argumentos e Habermas em prol da distinção entre eles. Segundamente, apresentarei algumas críticas feitas por Uwe Steinhoff em *Habermas – A critical introduction*. Num terceiro momento, procurarei fazer algumas extensões das questões colocadas por Steinhoff, as quais contribuíram para a particularização das questões que hoje constituem a perspectiva adotada em minha pesquisa.

Mestrando: Davi Maranhão De Conti

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Fábio Ferreira de Almeida

Título do projeto de pesquisa: Algumas considerações acerca da noção de vida

Título da comunicação: O que é biopolítica?

O conceito de biopolítica tornou-se essencial para o debate político contemporâneo e sua relevância acompanhou-se de uma vulgarização do termo e de um esvaziamento de seu sentido. O fato de que se haja popularizado, na linguagem jornalística, por exemplo, indica não apenas um crescente distanciamento de seu significado original, mas também sua particular mobilidade semântica, uma instabilidade que é prova de sua vitalidade e da necessidade de encontrar um conceito que permita lançar luz sobre fenômenos que escapam ao léxico tradicional. Apesar de ser bastante claro o que o conceito significa literalmente, sua tradução imediata como política da vida não esclarece que tipo de relação se estabelece entre os dois termos. Percorrer a história novecentista da noção de biopolítica, de seu uso pragmático, como conceito que ilustra projetos e práticas de um novo tipo, auxilia-nos a evidenciar o campo de sentidos que a palavra abarca. A releitura histórico-crítica realizada por Foucault representa uma ruptura nesse percurso. Ao invés de remeter os processos e estruturas políticas a determinantes biológicos, Foucault analisa o modo pelo qual a “vida” torna-se o centro de estratégias políticas. Ainda que o conceito de biopolítica sofra constantes deslocamentos em sua obra, é possível distinguir três diferentes usos do termo. Inicialmente, a biopolítica representa uma cesura no pensamento e na prática política, a qual se caracteriza por uma rearticulação do poder soberano; além disso, Foucault atribui um papel central a mecanismos biopolíticos na ascensão do racismo moderno; finalmente, faz uso do conceito para referir-se a uma arte de governo que emerge com as formas liberais de regulação social e autogoverno.

Mestrando: Diego Calassa Neri

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Márcia Zebina Araújo da Silva

Título do projeto de pesquisa: A arte enquanto expressão da liberdade do espírito: Uma manifestação do absoluto na finitude

Título da Comunicação: Liberdade e Autonomia nos Cursos de Estética de Hegel

Resumo:

A arte carrega em si a essência da liberdade, ou seja, não se associa a interesses instantâneos, e também, a qualidade de ser instrumento da contemplação da beleza. Desta maneira, pode-se afirmar que a relação entre arte e liberdade se desenvolve como uma expressão da consciência da liberdade que o espírito finito adquire através do gradual desenvolvimento de sua racionalidade. Essa relação que envolve a arte e a liberdade é fundamental para a construção contínua do pensamento racional, que progressivamente se percebe dentro de sua esfera subjetiva, razão que progride na história.

É necessário esclarecer que é pela contemplação do belo que o espírito finito abandona a sua imediatez e procura o infinito, o mundo da razão, dos conceitos e do livre pensamento. Por isso, procuraremos demonstrar aqui como a arte pode apresentar-se como um instrumento de acesso as discussões presentes na infinitude do espírito absoluto, e para isso discutiremos assuntos tratados nos *Cursos de Estética* como, por exemplo, a finalidade da arte e sua colaboração para a liberdade soberana e autonomia humana.

Mestrando: Diogo Conceição da Silva

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: André da Silva Porto

Título do projeto de pesquisa: A Irracionalidade em Wittgenstein

Título da comunicação: A relação entre geometria e aritmética na Matemática Grega

Resumo:

Pretende-se, nesta comunicação, apresentar o modo como os gregos compreendiam a relação entre a linguagem geométrica e a linguagem aritmética, uma vez que isso se torna de grande relevância para a demonstração que Wittgenstein elucidará em seus trabalhos de filosofia da matemática. Atentar-se-á, na demonstração do *modus* como os gregos faziam a interação entre a aritmética e a geometria, duas entidades distintas para eles – números e magnitudes – que não podiam de modo algum ser misturadas. A relação que os matemáticos gregos encontraram entre aritmética e geometria baseava-se que em todas as vezes que se encontrar uma magnitude – do lado da linguagem geométrica – encontra-se assim, um correspondente do lado numérico – linguagem aritmética. Esse sistema de correlacionar aritmética e geometria funcionou por um longo período, uma vez que os gregos sempre encontraram um correspondente em ambos os lados para os valores em questão. Pode-se clarear esta alocação no ato de compreensão acerca do Algoritmo de Euclides, o qual visa a busca pelo encontro do máximo estalão comum entre dois ou mais valores. Com valores tomados tanto no mundo da linguagem geométrica quanto da aritmética, encontrar-se-á o mesmo estalão, que medirá ambos os números ou segmentos. Contudo, um simples exemplo de correlação, no campo das magnitudes, na relação entre o lado do quadrado e o perímetro do quadrado, colocará um esquema que se mostrara, até então, infalível, em questão. Sabe-se que um exemplo assim, pode ser visto como muito simples, para querer demonstrar uma realidade de tamanha importância para fundamentos da matemática. Porém, se um exemplo simples demonstrar uma fissura num mundo onde tudo estava constituído e estável, não será o caso de uma exceção e sim, de que a estabilidade de toda a estrutura não passava de uma questão que ainda não havia sido colocada, ou seja, uma problematização que, ao ser realizada, desconstruiu a ideia de que seria sempre possível correlacionar coisas contínuas com coisas discretas.

Mestrando: Divino Ribeiro Viana

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Cristiano Novaes de Rezende

Título do projeto de pesquisa: *Multitudo* ou o elogio da multiplicidade na ontologia política de Espinosa

Título da comunicação: A biofísica de Espinosa

Resumo:

Trata-se de apresentar a mecânica dos corpos Espinosana, como ela abre novos horizontes em relação ao princípio de individuação dos corpos em Descartes. A física matemática de Descartes e de Hobbes se pautam sobre a afirmação do princípio de inércia e se tornam incapazes de explicar as leis do movimento, pois matéria aqui é somente espacialidade. A física de Espinosa não tem como base este princípio, apesar de enunciá-lo e não o abandonar, a extensão para Espinosa é um atributo divino, o movimento para ele não é um estado da matéria. O movimento para Espinosa é um modo infinito imediato ligado ao atributo extensão e é ontologicamente semelhante ao repouso, portanto, movimento e repouso não são estados de matéria, são modificações imediatas geradas pela substância divina no que se refere ao seu atributo extensão. Da mesma forma que a vontade e o intelecto são modificações geradas imediatamente da substância divina no que se refere ao seu atributo pensamento. Há, com isso, dois tipos de modificações, aquelas que são imediatas e as que são mediatas, as que são causadas imediatamente pela substância absolutamente infinita e as demais que são causadas a partir das modificações do atributo divino, ou seja, as mediatas são modificações das modificações. A física dos corpos para Espinosa trata-se mais de uma física da existência do que de uma física de deslocamento de corpos, por isso, o título dessa apresentação 'biofísica'. O conceito de movimento e repouso em Espinosa não pode ser reduzido a termos cinéticos, pois Espinosa não desconsidera as causas que levam ao movimento ou ao repouso. Nosso filósofo mostrará como os corpos, ou como diz ele: os modos ligados ao atributo extensão estão submetidos às leis do movimento e do repouso e como essas leis se aplicam aos corpos, sejam eles simples, compostos ou específicos. A partir destas noções entenderemos melhor o que Espinosa compreende por corpo e como se aplicam as leis do movimento e do repouso em relação aos corpos, facilitando, assim, nosso entendimento do que venha a ser a *multitudo*. O intento é dizer que a pura análise geométrica não nos permite conhecer o que seja uma coisa singular e tão pouco o que seja um indivíduo. A biofísica de Espinosa nos ajuda a conhecer as noções de coisa singular e de indivíduo, através da mecânica Espinosana nos leva a conhecer o funcionamento dos corpos mais simples que formam um corpo maior e mais potente, no caso do corpo humano, fazendo que cheguemos a conhecer as suas propriedades e, conseqüentemente, a sua estrutura, levando-nos além da física cartesiana.

Doutorando: Éden Farias Vaz

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Adriano Correia Silva

Título do projeto de pesquisa: O Limite do Perdão: a relação entre perdoar e punir no pensamento de Hannah Arendt

Título da comunicação: O Limite do Perdão: a relação entre perdoar e punir no pensamento de Hannah Arendt

Resumo:

A presente pesquisa se refere ao estudo das relações entre perdoar e punir no pensamento de Hannah Arendt. Essa relação é analisada no contexto específico da experiência totalitária e ditatorial. Nas páginas finais de *Origens do Totalitarismo* (1951), Arendt afirma que os regimes totalitários acabaram por descobrir, sem o saber, que existem crimes que os homens não são capazes de perdoar por serem incapazes de punir. Inicialmente, a capacidade do perdão se encerra na impossibilidade de punição, adequada e equitativa, dos criminosos totalitários – analogamente se estende aos criminosos ditatoriais. O ineditismo distópico dos regimes totalitários estabelece os limites do que é possível punir ou perdoar: o ato de perdoar e punir estão correlacionados na medida em que ambos se referem à possibilidade de superação de uma violência que sem o advento do perdão ou da punição prosseguiria indefinidamente. Por sua vez, a natureza da transgressão se esbarra especificamente no problema da irreversibilidade da ação. Neste sentido, o perdão se configura uma alternativa à punição, mas não o seu oposto. Perdoar denota outorgar a alguém remissão por obrigação, falta ou crime: resulta da disposição de renunciar o ressentimento. O perdão possui uma relação intrínseca com o tempo na medida em que se direciona a um passado que não passou, que se mantêm constantemente atual e, portanto, irreduzível. Na medida em que o sofrimento é capaz de siderar o próprio tempo impedindo a projeção do futuro, o objetivo do perdão é re-instaurar a possibilidade de ação no mundo liberando vítima e agressor. Assim, a finalidade do perdão e da punição é correlata na medida em que ambos intentam cessar um ciclo de violência perpétuo: ambos buscam por fim a algo que, sem sua interferência, se seguiria constantemente – ainda que por vezes de maneira ininterrupta. A punição é uma reação à agressão que intenta como o perdão encerrar um ciclo de violência a partir de uma pena. Sua função é, portanto, concomitante a do perdão. Igualmente, o oposto do perdão é a vingança que resulta também de uma reação, mas que, no entanto, é incapaz de desligar o agente de seu ato: por igual motivo seu principal traço é derrocar na desproporcionalidade pelo excesso. Destarte, o perdão é a única reação que instaura uma novidade no processo desencadeado pela transgressão: não é uma reação automática ou natural à violência, mas incondicionada e, sobretudo, inesperada. Ademais, o mal absoluto resulta no imperdoável: este mal se situa além dos limites da solidariedade humana na medida em que as vítimas nas fábricas de morte ou nos poços do esquecimento dos regimes totalitários já não são humanas. Arendt nominou esta nova modalidade do mal de mal radical: o mal finalmente apresenta suas raízes ao mundo a partir de um sistema político cuja característica essencial é a superfluidade humana. Este mal se contrapõe diretamente a todas as categorias utilitárias do mal: é absoluto na medida em que não se pode atribuir a eles motivos humanamente compreensíveis, isto é, que não se enquadra na lógica de meios para fins. Ao contrário, a violência se torna um fim em si mesmo nos regimes totalitário. Objetiva-se, portanto, elucidar o que Arendt intentava ao formular a noção de mal radical baseada na afirmação de que os homens não são capazes de perdoar aquilo que não podem punir e nem punir o imperdoável.

Doutorando: Eder David de Freitas Melo

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Adriana Delbó Lopes

Título do projeto de pesquisa: Nietzsche contra Descartes: a Noção de Vontade de Poder e a Contraposição ao *cogito*

Título da comunicação: Sobre o Descartes de Nietzsche: a propósito das tensões de Nietzsche com a Modernidade

Resumo:

Proponho-me nesta comunicação, inicialmente, apresentar resumidamente as linhas iniciais da pesquisa desenvolvida por mim no PPGFIL/FAFIL/UFG sob orientação da Profa. Dra. Adriana Delbó. Após, passarei a expor os principais pontos referentes ao estágio de pesquisa doutoral realizado no ano de 2017 na *New York University*, sob orientação do Prof. Ph. D. John Richardson. Então, finalizarei a apresentação delineando as principais questões teóricas que estou lidando na fase final desta pesquisa, e como elas se juntam ao corpo total desta proposta de tese. Essas questões são: qual a peculiaridade das noções de pensamento, razão, linguagem e consciência em Nietzsche, a partir das contraposições ao personagem Descartes em sua filosofia? Essas peculiaridades são suficientes para colocar Nietzsche em uma posição inequívoca além da modernidade ou insuficientes para apartá-lo dela?

Mestranda: Elga Lustosa de Moura Nunes

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Renato Moscateli

Título do projeto de pesquisa: O papel das assembleias na consolidação do Estado Republicano no pensamento de Jean-Jacques Rousseau

Título da comunicação: As assembleias na República de Genebra do século XVIII e o perigo da prevalência de interesses de grupos para o Estado republicano

Resumo:

Nas *Cartas Escritas da Montanha*, propriamente na Sétima Carta, J.-J. Rousseau, então autoexilado de sua pátria, escreveu sobre a estrutura organizacional da República de Genebra daquele período. Nossa análise se volta, portanto, para essa obra, e pretendemos refletir acerca da possibilidade da instalação insidiosa de interesses de grupos na estrutura organizacional do Estado, de forma que tendem a enfraquecer a participação do povo nas decisões políticas, especialmente no seio das assembleias – problema este criticado por Rousseau na Sétima Carta. Observaremos, também, como as assembleias podem ser objeto de desvirtuamento em seu papel, que conclama a participação popular na deliberação de temas relevantes para a sociedade, passando a significar um instrumento com existência formal apenas, sem qualquer ingerência nas decisões políticas do Estado. O caso de Genebra se faz relevante quando é possível confrontá-lo com o que Rousseau já havia teorizado acerca das regras de administração dispostas no verbete *Economia Política* da *Enciclopédia*. A centralização do poder em pequenos grupos, na República de Genebra, ocorria de forma institucionalizada, ou seja, por intermédio do Pequeno Conselho. Os Conselhos Gerais, por sua vez, representavam o soberano e detinham a função legislativa. O trabalho desempenhado pelo Pequeno Conselho, *a priori*, tinha o condão de limitar o que poderia ser levado à deliberação perante as assembleias. Essa forma de organização era salutar se fosse respeitada a finalidade originária, qual seja, filtrar o que efetivamente poderia ser objeto de deliberação em assembleia. Rousseau considerava importante estabelecer uma certa ordem nessas reuniões, mas, concretamente, o que ocorria em Genebra era o Pequeno Conselho agindo com vistas a deliberar proposições de sua própria agenda e interesses, o “espírito corporativo” reinava, enquanto as demandas populares não eram efetivamente atendidas: as matérias que eram levadas às assembleias diziam respeito apenas aos interesses particulares dos membros do Pequeno Conselho, subtraindo toda a real legitimidade das referidas reuniões. Para o pensador genebrino, o Pequeno Conselho passou, desta forma, a estar acima das leis e, com isso, a regra basilar de economia política (de que a administração deve se sujeitar às leis) permaneceu inobservada em Genebra. Fica claro que as assembleias daquele contexto representavam apenas o que Rousseau denominou de “simulacro da liberdade”. O povo efetivamente nada propunha e nada se discutia em benefício do povo. Refletindo sobre essa estruturação, vê-se que as assembleias em Genebra passaram a ser instrumentos de interesses políticos que não tinham por fim alcançar a vontade geral. É possível afirmar que um Estado que não se sujeita à vontade geral do povo carrega apenas o nome de republicano, pois a concentração de todo o poder nas mãos dos pequenos grupos remete as leis a uma escala inferior. Nesse ponto é possível afirmar que a prevalência dos interesses de facções pode se instalar insidiosamente sob a aparência de serem verdadeiras manifestações da vontade geral. Por sua vez, Rousseau aplaudiu, na mesma Sétima Carta, o Parlamento da Inglaterra, composto de 700 membros, e afirmou que “essa grande monarquia avança”. Segundo o genebrino, onde há um grande número de pessoas e onde cada membro tem o direito de falar, diluem-se os interesses de grupos e mantém-se o equilíbrio do interesse comum. Em relação ao exposto, vê-se também que a segunda regra de economia política, qual seja, de que todas as vontades particulares devem convergir para a vontade geral, não estava sendo observada em Genebra e, por isso, sua estrutura organizacional representava um modelo de deterioração e enfraquecimento da República.

Doutorando: Elvis de Oliveira Mendes

Linha de Pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Renato Moscateli

Título do projeto de pesquisa: Crítica da modernidade e filosofia política: Leo Strauss e a querela entre os antigos e os modernos

Título da comunicação: Leo Strauss e o resgate da filosofia política: a solução clássica

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo precípuo mostrar que para o filósofo político teutoamericano Leo Strauss a “crise do plano político moderno ocidental” está ligada à decadência da filosofia política. Para o filósofo, a saída para tal crise passa, assim, pela recuperação da filosofia política em sua acepção clássica. No entanto, segundo a concepção straussiana, o positivismo e o historicismo constituem, no contexto intelectual contemporâneo, poderosos obstáculos à realização dessa empresa, na medida em que seus pressupostos teóricos envolvem uma negação radical da possibilidade da filosofia política. Na verdade, Strauss parece considerar que historicismo e positivismo são o produto final do desenvolvimento filosófico da modernidade, julgando que a filosofia política moderna, desde Maquiavel, é, em suas múltiplas manifestações, um processo que conduz a essa negação, ou, se se preferir, à autossupressão da filosofia política pela filosofia da história. Diante disto, sendo, então, a modernidade integralmente historicista e positivista, a única chance de reconstruir a filosofia política reside em um retorno ao pensamento antigo e à sua teoria do direito natural.

Levando em conta esses elementos, pretende-se aqui explorar a proposta straussiana de, a partir de uma crítica da modernidade e de seus pressupostos filosóficos, repensar e, eventualmente, recuperar os referenciais teóricos da filosofia política clássica. De fato, Strauss, à semelhança de outros autores modernos e contemporâneos, como B. Constant, Nietzsche e Heidegger, retoma a velha querela entre antigos e modernos, e, ao retomar a velha querela entre antigos e modernos, pretende mostrar duas coisas fundamentais: por um lado, que a filosofia política moderna e o pensamento contemporâneo dela derivado (o historicismo e o positivismo) necessariamente desembocam numa crise intelectual que compromete a própria possibilidade da filosofia; por outro, a necessidade de se retomar o projeto da filosofia política clássica, como uma alternativa razoável aos impasses práticos e teóricos da modernidade.

Sendo assim, por meio de uma interpretação global do significado filosófico da modernidade, Leo Strauss, de fato, considera que esta, em seus múltiplos desdobramentos, desde Maquiavel e Hobbes, desembocou em um beco sem saída, em uma aporia, produzindo, com o advento de seus dois herdeiros filosóficos contemporâneos, o positivismo e o historicismo, o colapso da filosofia política e o niilismo intelectual e moral que coloca em xeque todos os valores sobre os quais o Ocidente tradicionalmente se assentou. A crise de nosso tempo, rotulada por meio do termo “niilismo”, nessa perspectiva, é, antes de tudo, uma crise filosófica. Ora, explicitando os principais elementos envolvidos nessa questão, Strauss julga tornar patente o caráter problemático do pensamento moderno e de seus pressupostos, criando, com isso, uma brecha para proceder a uma reavaliação e, quiçá, a uma eventual reabilitação da alternativa representada pela filosofia política clássica.

¹ Sobre isso, ver STRAUSS, Leo. *The City and Man*. Chicago: The University of Chicago Press, 1992 (1964). p. 1-12.

Mestranda: Fernanda Azevedo Silva

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: Guilherme Ghisoni da Silva

Título do projeto de pesquisa: A viabilidade lógica de uma definição de arte em Weitz e Danto

Título da comunicação: A novidade intermitente e o antiessencialismo de Morris Weitz

Resumo:

Na apresentação exporei a posição de Morris Weitz em relação a um problema que se tornou central da filosofia da arte de vertente analítica no século XX; a saber, a busca por uma definição de “arte”. Em *O papel da teoria na estética* (1956), o autor defende que as teorias estéticas tradicionais se assentam num erro quanto à lógica do conceito de arte, ao acreditar que seria possível elencar condições necessárias e conjuntamente suficientes a serem satisfeitas para que algo caia sob o seu domínio. Weitz, ao contrário, defende que “arte” é um conceito aberto determinado por semelhança de família e, portanto, não há condições necessárias e suficientes a serem explicitadas, não há uma definição a ser “descoberta”. Na atribuição do conceito a determinado caso, procedemos tomando certos trabalhos como paradigmáticos e avaliando as semelhanças que o objeto submetido à avaliação mantém com eles. Entretanto, não seria possível elaborar uma lista finita de semelhanças relevantes a serem avaliadas na atribuição artística, graças ao que Todd (1983) chama de teoria da novidade intermitente [*theory of intermittent novelty*]: a visão, sustentada por Weitz, de que o “próprio caráter expansivo e aventuroso da arte” faz com que de tempos em tempos surjam objetos que colocarão em questão as condições estabelecidas e reacenderão as disputas definitórias.

Pretendo salientar que mais do que uma nova resposta ao problema da definição de “arte”, o que é proposto pelo autor é uma reformulação do problema – o paradigma passa de “o que é ‘arte’?” para “que tipo de conceito é ‘arte’?”. Além disso, gostaria de destacar que recorrer à novidade intermitente traz problemas para a formulação de Weitz, pois pode dar margem para que um essencialista defenda que, num mundo da arte mais estável, o conceito seria definível.

Doutorando: Filipe Borges Albernaz

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: André da Silva Porto

Título do projeto de pesquisa: O Problema Filosófico do Contínuo: disputa entre Análise Clássica e Análise Suave

Título da comunicação: Identidade e Igualdade no Intuicionismo de Martin-löf

Resumo:

A proposta de fundamentação da matemática de Martin-löf (ML) é também uma linguagem supostamente universal capaz de produzir asserções ou, nos termos do autor, **juízos, sobretudo acerca da própria linguagem com recurso à menção a elementos da linguagem**. Esta proposta de universalidade da linguagem pode ser interpretada como a aproximação das noções de linguagem e metalinguagem em um único contexto. No entanto, é possível haver algum tipo de expressão admitida no sistema, mas que não seja interpretado como um juízo propriamente dito. Este tipo de expressão deveria ser tratada como parte da linguagem ou como metalinguagem? Vejamos do que se trata esta expressão.

Em sua interpretação intuicionista, ML faz uma importante distinção entre identidade e igualdade, em seus termos: Igualdade Definicional (Martin-löf, 1984, p. 31)¹ e Igualdade Proposicional (Martin-löf, 1984, p. 59). Assim, ML distingue igualdade intensional (mais adequada à noção de identidade lógica clássica e interpretada aqui como identidade de sentido ou sinonímia) de igualdade extensional (igualdade entre objetos).

Uma igualdade intensional é uma relação de identidade de sentido entre expressões linguísticas, i.e., ambas expressam o mesmo sentido, podendo assim ser substituídas uma pela outra em uma asserção na linguagem. Uma igualdade intensional, portanto, não é expressa em uma asserção da linguagem. **Ela é usada como uma forma de explicação da própria linguagem, na definição de termos e expressões a serem utilizadas na linguagem. ML dá o nome de Igualdade Definicional a este tipo de relação de igualdade intensional.**

Já uma igualdade extensional é interpretada como uma relação entre **objetos** com o mesmo **valor**, i.e., remetem a uma mesma **entidade** (seja ela um **elemento canônico** ou um **conjunto**). Assim, os objetos da relação teriam sentido independentemente um do outro, porém, remetendo-se à mesma entidade no sistema. Em sua interpretação de *proposições como conjuntos*, ML estabelece outra distinção, desta vez interna ao conceito de igualdade extensional, onde os objetos da relação de igualdade remetem à mesma entidade. É o que ML chama de Igualdade Proposicional. Esta noção de Igualdade Proposicional é extremamente importante, pois serve ao propósito de produzir as primeiras proposições no sistema, permitindo a sua combinação a outras proposições por meio dos operadores lógicos, produzindo novas proposições, **o que evidencia a expansibilidade indefinida do sistema.**

Desta forma, ML apresenta 4 formas básicas de expressar uma relação de igualdade:

(1) \equiv or $=_{def.}$

(2) $A = B$,

(3) $a = b \in A$,

(4) $I(A, a, b)$.

Onde (1) corresponde à Igualdade Definicional, i.e., Intensional, e é tratada como uma “estipulação” de sentido de uma expressão linguística em relação a outra. Já (2), (3) e (4) correspondem a Igualdades Extensionais, sendo que (2) e (3) são juízos e (4) é uma forma interna de (3), denominada Igualdade Proposicional, e, portanto, uma proposição no sistema de ML cuja prova é o juízo representado em (3). De fato, a noção de Igualdade Proposicional permite ao sistema produzir asserções gerais utilizando quantificadores existencial ou universal, o que faz deste tipo de expressão (interna) de igualdade, algo fundamental na linguagem.

A questão que se coloca recai sobre o que representa ao sistema de asserções necessariamente verdadeiras uma expressão que, segundo o autor, “estipula” uma relação de sentido entre expressões linguísticas do sistema. Se uma linguagem é essencialmente um meio pelo qual se produz asserções, do que se trata algo que nada ‘assere’ nesta linguagem? Há aqui um ponto controverso, pois a estipulação de identidade de sentido entre expressões linguísticas é o que permite a definição de diversos conceitos no sistema. Certamente, ML não pretende uma metalinguagem, mas um expediente dentro da linguagem que menciona expressões utilizadas no sistema, apesar de não serem tratadas como asserções propriamente ditas. Por se tratarem de definições, estas estipulações são relações necessárias. Observa-se, no entanto, que estas estipulações não são obtidas por derivações e tão pouco são utilizadas em derivações no sistema.

¹ MARTIN-LÖF, Per. *Intuitionistic Type Theory*. Napoli: Bibliopolis, 1984.

Doutorando: Frederico Duarte Pires de Sousa

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Fábio Ferreira de Almeida

Título do projeto de pesquisa: A Filosofia de Alexandre Koyré

Título da comunicação: O Problema do tempo em Koyré a partir de seu primeiro Descartes

Resumo:

Nossa discussão toma por objeto, ainda que de maneira preliminar, o que poderíamos chamar de o problema da concepção koyreana de tempo. Portanto, devemos nos perguntar: o que é o tempo em Koyré? Seguindo os passos do adágio bachelardiano segundo o qual toda metafísica por excelência começa pelo problema do tempo, estamos convencidos de que refletir a respeito da forma como Koyré pensa o tempo – este tempo que não é o tempo nem das instituições, nem dos indivíduos, tempo que não é o tempo vivido do mundo da vida nem tampouco o tempo dos cronômetros, mas, ao contrário, um tempo único e com a sua própria historicidade, um tempo entre a duração bergsoniana e o instante bachelardiano, que é o tempo do pensamento – deve se tornar o *fio de Ariadne* filosófico que nos servirá de guia e caminho em direção à dimensão filosófica do pensamento koyreano. Na presente comunicação, começaremos a esboçar este caminho através de uma sucinta interpretação de sua primeira obra a respeito de Descartes, o seu *Essai Sur L'idée de Dieu et les preuves de son existence chez Descartes* (1922).

Mestrando: George Felipe Bernardes Barbosa Borges

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Rafael Rodrigues Pereira

Título do projeto de pesquisa: A filosofia prática no cinismo e estoicismo

Título da comunicação: A influência de Aristóteles no desenvolvimento da filosofia prática do período helenístico

Resumo:

O nosso trabalho versa sobre a filosofia prática no cinismo de Diógenes e no estoicismo de Sêneca, mas entendemos como crucial um retorno a Aristóteles. Considerado o pai da ética, é importante por vários motivos, dentre os quais podemos destacar: o caráter inédito que o Estagirita deu à ética, sistematizando-a; e a ênfase que o filósofo deu à prática, fazendo eco à ideia de que a filosofia era também uma terapêutica, para curar os males da alma. Sendo assim, nosso atual estágio de pesquisa foca a atenção na relação entre teoria e prática em Aristóteles e tenta demonstrar como ele influencia e inaugura uma longa discussão que será travada pelos próximos 500 anos. E sobre isso versará nossa comunicação – como a prática é tratada em Aristóteles a partir da analogia médica e o peso que isso terá posteriormente, principalmente no estoicismo.

Doutorando: Gilmário Guerreiro da Costa

Linha de pesquisa: Estética e Filosofia da Arte

Orientadora: Carla Milani Damião

Título do projeto de pesquisa: O problema da práxis na filosofia benjaminiana

Título da comunicação: Práxis e revolução nas teses sobre a filosofia da história de Walter Benjamin

Resumo:

O devido entendimento do problema da práxis na filosofia de Walter Benjamin exige análise pormenorizada do seu próprio texto. Nesta comunicação experimentamos atender a semelhante exigência metodológica mediante o estudo da tese 17a, de “Sobre o conceito de história”. Nela é possível esclarecer aspectos importantes da peculiaridade da relação desse pensador com a filosofia marxiana, aqui desenvolvida sob o signo da práxis. Ocupamo-nos predominantemente de estudo imanente do texto; na conclusão, buscamos colher em nível um pouco mais sistemático os resultados do trabalho.

Doutorando: Guilherme de Freitas Leal

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Adriana Delbó Lopes

Título do projeto de pesquisa: O Pensar Antifilosófico do Homem Moderno: Entre a Crítica e a Abertura em Foucault

Título da comunicação: A Arqueologia e a Genealogia no pensar de Foucault: ferramentas-chave na Abertura para o Outro

Resumo:

A proposta de comunicação consiste na apresentação da tese de doutorado em desenvolvimento e consolidar-se-á na exposição argumentativa de que o conjunto da obra de Foucault deve ser compreendido num constante trabalho de crítica do Mesmo ao mesmo tempo em que destaca a Abertura para o Outro. Essa valorização é fundamentada na *Tese Complementar* de Foucault intitulada *Gênese e estrutura da Antropologia de Kant* e tange o destaque à Filosofia pela sua capacidade Crítica assim como pela sua habilidade à Abertura do pensar. A proposta é demonstrar o quanto na prática mesma de seu pensamento Foucault não se olvida nem dessa Crítica nem dessa Abertura em cada tema que analisa. O estágio atual da pesquisa focará nos métodos de investigação e de análise como a arqueologia e a genealogia, visando demonstrar o quanto o pensador francês constrói permanentemente a Abertura na Crítica dos mais diversos aspectos que analisou concernentes ao modo de ser do sujeito moderno. A costura que se pretende realizar da obra de Foucault busca desfazer as fronteiras entre as tradicionalmente abordadas fases de Foucault – o Saber, o Poder e o Si. Reduzindo o trabalho do pensamento a uma analítica da finitude, nos limites já dados, isto é, na constância do Mesmo, a Modernidade é a expressão do pensamento antifilosófico tanto no campo do Saber, quanto no que diz respeito às relações de Poder e, não menos importante, na consolidação das práticas de Si justamente por não proporcionar a Abertura desse próprio pensar na Crítica que realiza. Dessa forma, a hipótese consolidar-se-á ao apresentar esses eixos de aglutinação das pesquisas de Foucault numa análise conjunta do quanto a modernidade não se utiliza nem da Crítica e muito menos da Abertura tão fundamentais ao pensamento filosófico. Seja em temas como a loucura, a clínica, a sexualidade, o *homo oeconomicus* e a biopolítica ou ainda o cuidado de si e os modos de elaboração de subjetividade, Foucault esteve sempre promovendo tanto a Crítica de verdades estabelecidas como esteve apontando a falta de percepção da Abertura para o Outro nas universalizações consolidadas.

Doutorando: Hamilton Cezar Gomes Gondim

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Thiago Suman Santoro

Título do projeto de pesquisa: Os limites da ética sartriana nos *Cahiers pour une Morale*

Título da comunicação: Sartre leitor de Kojève-Hegel

Resumo:

O presente trabalho se foca na temática da história nos escritos publicados postumamente de Sartre, intitulados *Cadernos para uma Moral*. Tais escritos do período entre 1945-1948 apresentam como temática maior a exploração de questões éticas conforme a sua ontologia fenomenológica de 1943. Sartre, entretanto, propõe novos elementos de investigação que não eram presente em *O ser e o nada* como a questão da historicidade. A noção de história aparece de modo oscilante nos *Cadernos*, ora como um ponto a ser considerado na avaliação moral, ora numa investigação independente e autônoma. Sartre, entretanto, apresenta uma constante nas suas incursões sobre história: uma crítica ao hegelianismo e uma reavaliação do marxismo. Sartre considera uma tarefa ao tratar de tal temática da possibilidade de ser pós-hegeliano. Mas qual a leitura crítica de Hegel que Sartre é influenciado? Propomos que embora Sartre apresente uma leitura própria, ele apresenta influências da recepção hegeliana por comentaristas e tradutores como Jean Wahl, Jean-Hyppolite e principalmente de Kojève. Sartre utiliza a leitura Kojéviana acerca da dialética do senhor e do escravo como base para algumas críticas hegelianas. Esta comunicação visa mapear qual influência de Kojève na compreensão de Sartre acerca de Hegel.

Mestrando: Igor de Souza Cesário

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: Guilherme Ghisoni da Silva

Título do projeto de pesquisa: Os limites da racionalidade: falsidade, erro e loucura - Um estudo sobre o pensamento de Ludwig Wittgenstein

Título da comunicação: As proposições fulcrais e os limites da racionalidade

Resumo:

Nos textos que compõem o livro *Da certeza (Über Gewißheit)*, Wittgenstein, movido por um debate sobre quais seriam os limites do ceticismo, discorre sobre um certo grupo de proposições que desempenha um papel singular em nossa linguagem. Essa classe de proposições funciona como certezas básicas e, em circunstâncias “normais”, são isentas de dúvida; tais como, “sei que aqui está uma mão”, “sei que tenho órgãos humanos”, “sei que a Terra existe há muitos anos”.

Mas apesar de Wittgenstein se utilizar dessas proposições em sua argumentação, o mérito de tê-las identificado é de G. E. Moore, em seus textos *Uma defesa do senso comum e Prova de um mundo exterior*.

Tais proposições, contudo, geralmente não são enunciadas e enunciá-las, segundo Wittgenstein, não teria sequer sentido (a não ser em contextos muito específicos). Poderíamos até colocá-las em dúvida (uma a uma), mas teríamos então que adotar novas certezas para estruturar nossa racionalidade e linguagem, pois do contrário, ruiria todo nosso quadro de referências, levando consigo toda a estrutura de nossa racionalidade. Sendo assim, tais proposições funcionam como alicerces para nossa racionalidade, de modo que desempenham um papel de fundamentos gramaticais e não apenas epistemológicos.

Esse tipo especial de proposições, também denominadas de “proposições fulcrais”, é colocado fora do caminho por onde a dúvida se desenvolve, o que confere um caráter regulador a essas certezas. Colocá-las em xeque seria um problema, não apenas um problema teórico, mas também um problema prático, pois até nossas ações mais básicas pressupõem certas proposições como certezas.

Apesar desse papel primordial que essas proposições desempenham em nosso agir, negá-las em ocasiões muito específicas ainda faria sentido, uma vez que ainda são empíricas (por exemplo, em um determinado contexto pode haver dúvidas quanto a proposições tais como se ainda possuo duas mãos). Esse tipo de indagação não faz sentido, salvo em casos como, por exemplo, de uma determinada pessoa foi à guerra e acordou depois de uma grande explosão. Nesse caso, a dúvida sobre ter ou não duas mãos seria cabível. Fora esses casos específicos, essa dúvida não caberia dentro do próprio jogo de se duvidar.

O caráter regulador que essas proposições assumem, consiste no fato de que, aceitamos essas certezas da mesma maneira com que aceitamos as regras de um jogo. O jogo da dúvida vai até o ponto em que esbarra nessas certezas. Assim, elas desempenham um papel de regulamentar os movimentos possíveis no jogo da justificação.

Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em tentar traçar quais seriam os limites da racionalidade e como essas proposições fulcrais, ou proposições do senso comum (como Moore comumente as trata), podem ser entendidas como sendo as últimas fronteiras do racional. Ou seja, como a dúvida acerca dessas proposições pode configurar o fim da racionalidade, ou como pode ser normalmente entendido, a loucura.

Entender o papel que essas proposições tem em nossa racionalidade e em nossas interações interlocutórias, pode ser um caminho para entender como um indivíduo pode vir a atribuir loucura a um terceiro, ou ainda, como um indivíduo pode em determinados contextos colocar em dúvida sua própria racionalidade.

Mestrando: Igor Souza Saraiva

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: André da Silva Porto

Título do projeto de pesquisa: A Semântica das Predicações na Teoria das Categorias

Título da comunicação: O que é Teoria das Categorias?

Resumo:

Nessa primeira apresentação tento cumprir o desafio de expor, no limitado tempo, uma noção básica do que seja a teoria das categorias. Ao definir o conceito de “categoria” definimos um conceito universalíssimo de estrutura, dentro do qual se encontram diversas estruturas que já são familiarmente empregadas por lógicos e filósofos. Assim, tentaremos mostrar que essa teoria pode ser vista como uma sistematização e formalização do conceito intuitivo de “estrutura”. O resultado é uma linguagem “puramente estrutural” por meio da qual todas as estruturas, no sentido que a palavra possui no contexto lógico e matemático, podem ser representadas via propriedades que se exprimem pura e simplesmente por meio de diagramas comutáveis. Para isso, abandonamos todas as “propriedades internas” que um elemento de uma estrutura poderia vir a possuir e caracterizamos suas propriedades apenas em termos de relações de composição e identidade, que são exatamente aquelas que podem ser representadas em um diagrama comutável.

Havendo definido o conceito geral de “categoria”, podemos inspecionar o universo descrito pela teoria dos conjuntos tratando-o como uma categoria. Desse modo, generalizamos o universo da teoria dos conjuntos e obtemos o conceito de um “Tópos”. Topoi podem ser vistos como a contraparte semântica de uma teoria de tipos, i.e, como o universo sobre o qual uma linguagem formal tipada fala.

Mestrando: Jean Carlos Campos de Souza Junior

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: Guilherme Ghisoni da Silva

Título do projeto de pesquisa: Tempo e Memória em Bertrand Russell

Título da comunicação: O tempo absoluto no período platonista russelliano

Resumo:

Bertrand Russell (1872-1970) teve vários períodos durante toda sua vida como filósofo em relação aos problemas sobre o tempo. Minha abordagem, neste seminário, vai tratar sobre o período *platonista*, isto é, tal período tem a duração entre 1899-1913. Com isto, o foco da apresentação será no período platonista e, exclusivamente, sobre tempo absoluto. Um dos principais artigos que podemos destacar em relação ao tempo absoluto foi publicado em 1901, intitulado “*Is Position in Time and Space Absolute or Relative?*”. Russell, neste artigo, argumenta a favor de um tempo absoluto e demonstra, *logicamente*, porque o tempo absoluto é necessário, assim, recusando o tempo relativo. Como destacado, Russell pretende argumentar por um viés lógico, assim, não cabe uma discussão ontológica sobre o tempo. Os argumentos a favor do tempo absoluto é, basicamente, a necessidade lógica de instantes temporais fixos. Para entender as afirmações feitas anteriormente a favor do tempo absoluto, irei me ater a explicar, rapidamente, a necessidade de instantes temporais fixos. O tempo absoluto tem duas classes de entidades, são elas: 1) Qualidades e 2) Instantes. Qualidades são termos que estão em diversas posições *no* tempo. Instantes são posições temporais fixas. Tendo em vistas estas duas classes de entidades, uma qualidade pode estar em diversas posições temporais, isto é, em diversos instantes. Russell, então, define um *evento* como um complexo composto por uma qualidade em um ou mais instantes. Sendo assim, uma qualidade é estendida no tempo que é composto por múltiplos instantes temporais. Russell postula a necessidade entidade de instantes temporais fixos para que seja possível ter uma estrutura temporal e, também, que possamos dizer que um evento é simultâneo a outro. É necessário que existam os instantes fixos para garantir que não haja *recorrência* e *persistência*, isto é, qualquer coisa pode recorrer, uma qualidade pode ocorrer de novo, mas como saberemos se é uma qualidade diferente ou não sem os instantes temporais fixos? Com isto, quando Russell está dizendo que qualidades possam recorrer ou persistir, ele, primeiramente, está falando de ocorrências de qualidade como, por exemplo, prazer, dor de dente, ou, até mesmo, o brilho do sol. Assim, temos que ter eventos mais complexos para que não haja recorrência. Neste caso, eventos mais complexos são fatos históricos, como, por exemplo, “*a morte de Cesar ou o nascimento de Cristo*”. No entanto, como dito logo no início, Russell pretende debater logicamente, ou seja, esses fatos históricos ou eventos mais complexos parecem ser únicos, mas não podemos dizer que os eventos mais complexos, *necessariamente*, não possam ocorrer novamente. Ao menos, segundo Russell, que incluamos uma data. A inclusão de uma data fixa temporal é a necessidade que Russell argumenta ao falar sobre instantes, porque fixa a relação de uma qualidade com uma posição temporal e, deste modo, a recorrência de uma qualidade se torna impossível logicamente. Isto é, ao incluir uma data à qualidade, tal qualidade se torna única e impossível, logicamente, de recorrer, assim, Russell demonstra a necessidade de instantes em uma série temporal para uma construção estrutural do tempo e a impossibilidade da recorrência. Portanto, Russell insere a necessidade lógica de instantes fixos temporais e adota o tempo absoluto em sua fase platonista.

Doutorando: João Lourenço Borges Neto

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Adriano Correia Silva

Título do projeto de pesquisa: O *Homo Sacer* de Giorgio Agamben: um diálogo entre dois antípodas (Carl Schmitt e Walter Benjamin)

Título da comunicação: Vidas abandonadas e os escombros da história

Resumo:

Vida e direito são dois temas centrais que se convergem no interior do projeto político de Giorgio Agamben. Em relação ao primeiro tema, o filósofo italiano recorreu a uma distinção sintática e morfológica entre *zoé* e *bíos*, presente na tradição grega clássica, embarçada a partir da modernidade, da qual ele se serviu para demonstrar uma dimensão de sacralidade da vida na política atual. Quanto ao segundo, Agamben encontrou no conceito de soberania o diagnóstico que desmantela o otimismo, latente pós-segunda metade do século XX, nos Estados de Direito como guardiões da democracia e dos indivíduos. Nesse sentido, propomos na presente comunicação apresentar esses dois temas em conjunto com seu ponto de convergência na figura do direito romano arcaico *homo sacro*, conceito que intitulará o projeto político do filósofo, desenvolvido na coleção de obras *Homo Sacer*.

Mestrando: João Pedro Andrade de Campos

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Renato Moscateli

Título do projeto de pesquisa: *Amor Mundi*: Pensar os Direitos Humanos em Hannah Arendt

Título da comunicação: Fenomenologia e Política: uma leitura de Hannah Arendt

Resumo:

O objetivo central desta comunicação é realizar uma leitura de certos aspectos da obra de Hannah Arendt que coincidam sobre a fenomenologia e a política. Inicialmente, daremos atenção às concepções de Mundo desenvolvidas no pensamento de Husserl e Heidegger, que legaram importantes contribuições à fenomenologia. Neste sentido, esperamos mostrar que o conceito de Mundo nestes autores não se limita a meras concepções de natureza física, mas enfoca, sobretudo, o relacionamento que os seres humanos arquitetam entre si e com a Terra, elaborando e constituindo o Mundo. Na sequência discutiremos, com apoio em Arendt, como este Mundo que aparece de forma comum a todos os seres viventes é consumido, construído e preservado para a vinda das novas gerações de pessoas. Em razão disso, mostraremos que há, portanto, uma relação na teoria política de nossa autora que nos permite articular fenomenologia e política, quando associamos estes conceitos a uma perspectiva que englobe o Mundo como um processo criativo e não acabado. Por fim, esta comunicação se associa com nosso projeto de pesquisa, a saber, "*Amor Mundi*: Pensar os Direitos Humanos em Hannah Arendt", uma vez que estamos tentando pensar o que significam e quais são as implicações da supressão de participação na construção plural e política do Mundo.

Mestrando: Joaquim Onofre Silva Neto

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Adriano Correia Silva

Título do projeto de pesquisa: O abismo na política: crise e liberdade no pensamento político de Hannah Arendt

Título da comunicação: A liberdade em crise: ruptura da tradição política na perspectiva arendtiana

Resumo:

Apoiando-se em Hannah Arendt, a presente proposta pretende trabalhar com o tema da crise da liberdade e sua relação com a descrença que a sociedade civil sente pela política. Para tanto, julga necessário discutir, na bibliografia arendtiana, os conceitos de liberdade e crise, já que se subentende a esse estudo a importância fundamental que ambos têm para a totalidade das obras dessa pensadora alemã. Esse objetivo interpretativo, delineado anteriormente, parte da hipótese da linguagem ser um caminho pelo qual os seres humanos deixam vestígios de suas impressões a respeito do mundo externo, desde o primeiro momento que se arriscaram a interpretar essa exterioridade. Assim sendo, nas palavras, nos conceitos, permanecem a herança das significações antigas, as quais fornecem a base sedimentar dos novos sentidos que lhe são posteriores. Ora, esse é justamente o propósito de como será tratado filosoficamente o tema dessa proposta, isto é, por meio de uma nova reflexão a partir de uma análise dos antigos resquícios presentes nos conceitos de liberdade e crise, de modo a entender se há algo que os aproxime enquanto fenômenos da política contemporânea. No entanto, essa análise não se aprofundará por toda a complexidade desse assunto, pois se trata de um recorte conceitual que irá gravitar em torno da obra de Hannah Arendt, especificamente em sua teoria política, como dito anteriormente, tanto por ser considerada uma pensadora da liberdade e da ruptura quanto por ela também utilizar como método investigativo o resgate etimológico dos conceitos que estuda. Ademais, embora Arendt empregue a palavra crise em vários dos seus textos, é interessante o fato de não relacioná-la diretamente com o conceito de liberdade, ou seja, na obra dessa pensadora, parece não haver uma ideia explícita de crise da liberdade. Nesse sentido, esse ponto de junção entre conceitos é o objeto de análise essencial que aqui se tenciona discutir e entender. Para a atualidade, lançar as bases para a compreensão da crise da liberdade é relevante em virtude da sua possível relação com o recrudescimento dos conflitos sociais e políticos que a sociedade civil vem passando, a tal ponto que se torna novamente ameaçador o ressurgimento de movimentos autoritários – frutos do colapso do conceito de liberdade, da instabilidade da esfera pública e do esvaziamento de sentido da política. Nesse caso, é significativo investigar como a crise da liberdade atua no fortalecimento de tendências totalitárias, tendo como escopo auxiliar no debate contemporâneo sobre os danos das tensões políticas no cenário atual.

Doutorando: José dos Santos Filho

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Adriano Correia Silva

Título do projeto de pesquisa: Senso Comum e Juízo Político em Hannah Arendt

Título da comunicação: Trabalhar, operar e agir: a relação entre a *vita activa* e juízo político no mundo

Resumo:

A hipótese é que para Arendt o completo desprezo pelo senso comum na era moderna foi uma atitude preponderante para o colapso dos valores que ligavam os homens diretamente a uma realidade do mundo tal qual ela se apresenta para todos nós seres sensíveis. Além disso, significou também o enfraquecimento dos laços de união comunitária. O conceito de “alienação do mundo” no pensamento de Hannah Arendt envolve a peculiar distinção entre Terra e Mundo que por sua vez está diretamente relacionada ao que é biologicamente dado em contraposição ao que foi artificialmente construído pelos homens. Tal distinção constitui um importante operador hermenêutico herdado da tradição fenomenológica e é a partir dele que Arendt avança em sua análise acerca das atividades relacionadas diretamente com a *vita activa*, a saber, trabalho, obra e ação. A autora lembra que o critério de avaliação de cada uma dessas atividades era principalmente o grau de dependência em relação à natureza e em segundo plano o local apropriado para a realização da mesma. Numa visada histórica que remonta a experiência da *polis* grega, passando pelos medievais até chegar ao início da era moderna, Arendt apresenta um percurso no qual se verifica alterações significativas no modo como os homens lidaram com suas capacidades de trabalhar, produzir e agir. As alterações mais radicais são frutos da era moderna onde é possível constatar que a capacidade humana de produzir uma obra foi absorvida pelo trabalho, que passa a ser a atividade primordial dos homens em geral, e foi potencializada pela ação que agora está restrita a um número pequeno de homens da ciência. O que Arendt percebeu é que quando a fome do *animal laborans*, cuja consciência está imersa na preocupação exclusiva com a satisfação dos seus desejos, se junta à indiferença do homem da ciência, cujo ego está desvinculado dos limites naturais, fica provado que é possível viver, laborar, fabricar e agir no mundo sem que haja responsabilidade alguma pelo mundo. Neste caso, a *natureza* passa a ser o principal foco das atividades humanas, seja pelo trabalho, dos homens em geral, cuja relação com a natureza não ultrapassa o nível do consumo; seja pela ação dos homens da ciência, que por meio de instrumentos tecnológicos cada vez mais sofisticados, em sua ânsia da artificialização da natureza, iniciam processos cada vez mais ameaçadores de toda a vida humana. O nosso propósito é mostrar como essas mudanças foram fundamentais para o enfraquecimento da capacidade humana de emitir um juízo no mundo com base em valores comunitários.

Doutorando: José Reinaldo Felipe Martins Filho

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Fábio Ferreira de Almeida

Título do projeto de pesquisa: Da analítica existencial à filosofia da interpelação

Título da comunicação: Por um retorno ao homem em Heidegger? De *Sein und Zeit* aos *Beiträge zur Philosophie*

Resumo:

Esta comunicação pretende apresentar o ponto de partida de nossa pesquisa de doutoramento junto ao PPGFIL/UFG. Ora, a partir da reorientação dada à pergunta pelo ser em geral, conforme a demarcação já consolidada do pensamento heideggeriano em anterior e posterior à *Kehre*, nossa pesquisa procurará compreender a ambiguidade relativa ao conceito *Dasein*, fundamental para a compreensão do projeto *Sein und Zeit* e com importância latente no período em que o próprio Heidegger nomeou como o “pensamento da história do ser”. Trata-se de entender como o abandono da analítica existencial, em cuja execução é irrecusável o protagonismo do *Dasein*, contribuiu na formulação do que aqui denominamos uma “filosofia da interpelação” – para roubarmos a intuição de Jean-Luc Marion –, horizonte a partir do qual evocamos o surgimento de uma nova figura: o *interpelado* (*der Angesprochene*) – segundo nos parece, e ao contrário do que defendeu Marion, já presente nos últimos trabalhos do pensador alemão, especialmente nos *Beiträge zur Philosophie*.

Doutoranda: Júlia Sebba Ramalho Moraes

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Hans Christian Klotz

Título do projeto de pesquisa: O Conceito de Mente na Filosofia de Hegel

Título da comunicação: O holismo monista na filosofia de Hegel e a unidade corpo e alma

Resumo:

O presente trabalho pretende mostrar a amplitude e a profundidade da unidade sistemática da filosofia de Hegel, salientando para a dinâmica das relações entre as três esferas do sistema: Lógica, Natureza e Espírito. A partir desta análise, pode-se observar que, para Hegel, existe uma continuidade no desenvolvimento dos elementos lógico, natural e espiritual, donde se segue que a esfera da natureza, para ele, não é antagônica ao mundo do espírito. Diferentemente, para o filósofo, existe uma simbiose entre natureza e espírito, entre o instintivo e o ideal, de modo que já podemos observar, ainda em sua *Filosofia da Natureza*, elementos importantes que comporão, posteriormente, a subjetividade do espírito. Com efeito, tendo como ponto de partida esta chave de leitura mais ampla, farei uma incursão geral sobre os diferentes significados de holismo e de unidade que podemos encontrar na filosofia hegeliana e como a partir daí é possível entender a concepção de Hegel sobre o problema corpo e alma.

Doutorando: Junio Cezar da Rocha Souza

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Helena Esser dos Reis

Título do projeto de pesquisa: Sofrer e fazer sofrer: considerações sobre o sofrimento em Jean-Jacques Rousseau

Título da comunicação: A piedade biológica e a questão do sofrimento em Rousseau

Resumo:

Para Rousseau, a *piedade* foi um benefício entregue pela própria natureza aos homens para servir de apoio à razão. Até mesmo os animais testemunham a respeito dessa disposição natural que faz com que um animal não passe ao lado de um seu semelhante, morto ou em sofrimento, sem alguma inquietação. A piedade natural é aquele puro movimento da natureza anterior a qualquer tipo de postura reflexiva. Essa piedade natural tem uma força impressionante, pois até mesmo os mais depravados têm dificuldade em destruir o aludido sentimento. O mais perverso tirano que agrava ao máximo a tortura de seu inimigo, pode ser visto enternecido e choroso pelas desgraças de um infeliz a quem não impinge suplício. A partir do texto de Rousseau de 1754, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*, a presente comunicação discutirá a *pitié* tendo como orientação a definição dada por Victor Goldschmidt, este afirmando ser a piedade “*un sentiment d’essence biologique*”. A piedade, ou compaixão, faz com que o homem se coloque no lugar do sofredor, encurtando a distância entre o expectador e aquele que está sob o peso do infortúnio. Conforme Rousseau, a natureza providenciou a piedade para a boa ordem de todo o gênero humano. Porém, com o desenvolvimento do homem, a piedade, inversamente, se enfraqueceu, de maneira que no estado civil precisa ser despertada para que retire o homem de si mesmo e se aproxime daqueles que são perturbados e afligidos. Veremos como a *pitié* se apresenta, no seu enraizamento biológico, como algo inarredável da natureza humana, embora esteja embotado no âmbito civil, e, igualmente, qual sua relação com a disposição do homem em sofrer com e pelo seu semelhante.

Mestrando: Juvercino Arcanjo dos Santos

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Adriano Correia Silva

Título do projeto de pesquisa: A constituição da personalidade humana no pensamento de Hannah Arendt: “o tornar-se pessoa”

Título da comunicação: Personalidade e trabalho no pensamento de Hannah Arendt

Resumo:

A alusiva ponderação de Arendt sobre a modernidade política resvala no termo marxiano de *animal laborans*, que é definido por um tipo de mentalidade cuja qual o homem habita permanentemente atrelado à vida do trabalho e do consumo. A destinação da atividade do trabalho se voltaria necessariamente para a manutenção das necessidades vitais, incorporado ao processo biológico que visa sempre alimentar a si mesmo, ausente de qualquer meio de finalidade ou algum tipo de resultado. Desse modo, a mentalidade vencedora do *animal laborans* fixado em suas necessidades do cotidiano, afastou o homem moderno das atividades mais elevadas que o homem possui em sua condição humana; *a constituição da personalidade*. A noção de *personalidade* adotada por Arendt além de estar relacionada no estabelecimento de enraizar-se em sua própria trajetória existencial, distintamente do mero sujeito pertencente à espécie humana, também tem uma acepção reveladora do *quem somos* no mundo – singularidade – na medida em que a ação e discurso do indivíduo se acomoda no exercício da atividade do pensar. Parte do projeto que movimenta nossa pesquisa, a presente comunicação é uma tentativa de apresentar a confrontação que perpassa na obra de Hannah Arendt da tensão existente em suprir as necessidades vitais e a elevação das suas potencialidades que formata o mero sujeito em uma genuína personalidade humana.

Mestranda: Kellen Aparecida Nascimento Ribeiro

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Helena Esser dos Reis

Título do projeto de pesquisa: Problema do duplo e a vontade geral: um estudo da obra política de Jean-Jacques Rousseau

Título da comunicação: Apontamentos e nuances sobre a vivência e a duplicidade do homem da natureza

Resumo:

Apresentamos como objetivo desta comunicação a discussão sobre o homem. Tendo como mote central o homem da natureza, dissertaremos sobre suas principais nuances, percorrendo o caminho trilhado por Rousseau acerca das diferentes figurações humanas. Investigando o que vem a ser o homem enquanto o todo perfeito e solitário descrito pelo autor no Segundo Discurso. Analisando como, já nesta obra, o homem rousseauiano se dá em dois momentos: primeiramente figura como o homem da natureza que é concebido como o todo perfeito e solitário, e posteriormente figura como o homem que, passando a conviver com outros homens, torna-se um apreciador do olhar do outro. Agregando em seu ser, o prazer do acúmulo, bem como o prazer da admiração do outro. Chegando a travar disputas com outros homens, a fim de que todos os olhares arrebatados estejam voltados para si, atitudes estas que sinalizam o início de sua degeneração.

Mestrando: Laércio Melo Martins

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Cristiano Novaes de Rezende

Título do projeto de pesquisa: O processo saúde-doença em Espinosa no *Tratado da Emenda do Intelecto*: elementos para uma ética médica

Título da Comunicação: O processo saúde-doença em Espinosa no *Tratado da Emenda do Intelecto*

Resumo:

O objetivo desta pesquisa é a explicitação da contribuição do § 7º do Tratado da Emenda do Intelecto de Espinosa para o campo da saúde, inclusive mental, e da ética na filosofia espinosana. O *processo saúde-doença* encontrado no parágrafo supracitado dialoga também com a obra *Ética*, sobretudo, nas partes III e IV. Assim, a partir e para além das contribuições apresentadas pelo filósofo francês Éric Delassus sobre a ética médica no pensamento de Espinosa, o caminho percorrido neste trabalho busca compreender as características da ética médica em Espinosa para uma crítica do tratamento atual do *processo saúde-doença* no interior das instituições médico-jurídicas brasileiras, bem como verificar o desenvolvimento das virtudes e elementos da ética médica espinosana no processo terapêutico. A explicitação e compreensão dessas problemáticas e noções corresponderá ao esforço de demonstração dos fundamentos filosóficos da ética médica espinosana, incluindo também o Tratado Político, em análise prévia. Embora, a expressão medicina da mente (*medicina mentis*) não esteja expressamente dita, Espinosa utiliza a expressão Emenda do Intelecto, o que permite afirmar uma ética médica relacionada ao processo de adoecimento e aos afetos. Nesses aspectos estão as razões para a definição dos objetivos do presente trabalho, bem como na promoção e entendimento de uma saúde mental pública.

Mestranda: Lais Cristina Rocha de Jesus

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Rafael Pereira Rodrigues

Título do projeto de pesquisa: O debate entre liberais e comunitaristas – reflexões acerca do conceito de pessoa e neutralidade do Estado

Título da comunicação: Limites do liberalismo deontológico rawlsiano

Resumo:

Críticos da corrente liberal contemporânea, autores reconhecidos como comunitaristas argumentam que o liberalismo é uma concepção política individualista, a-social, empobrecida e a-histórica e, por isso, não consegue explicar os valores sociais que advêm exclusivamente da nossa relação com a comunidade e a tradição. Tal corrente filosófica tenta mostrar que a forma como nos relacionamos em sociedade influencia a nossa concepção de solidariedade social, compaixão, educação, virtudes e responsabilidade moral que, em muitos sentidos, representam a melhor esperança para as sociedades ocidentais modernas marcadas por conflitos ideológicos.

Doutoranda: Leidiane Coimbra

Linha de pesquisa: Estética e Filosofia da Arte

Orientadora: Carla Milani Damião

Título do projeto de pesquisa: O distanciamento do mais próximo: a relação entre ética e técnica em Martin Heidegger

Título da comunicação: Escutar o destino – os modos de ser no mundo

Resumo:

Segundo Martin Heidegger o homem realiza suas possibilidades de ser a partir do caráter de abertura que lhe é intrínseco. O ser se mostra, se revela no mundo e a partir dessa revelação o homem pode corresponder e realizar um modo de ser diferente do que é. Isso constitui a transcendência do homem, ou seja, quando acontece um “ultrapassamento” de um modo de ser para outro. O que permite ao homem corresponder à estes modos de ser que se revelam é uma escuta atenciosa aos fenômenos, ou seja, ao desvelamento de ser que acontece a cada vez e constitui o que Heidegger chama de *destino*. Nosso trabalho pretende apresentar de que modo o destino apresenta modos de ser ao homem que, por sua vez, relaciona-se com o que se apresenta numa correspondência ou numa recusa. Ambas, no entanto, indicam uma escuta ao apelo do ser.

Mestrando: Leonardo Siqueira Gonçalves

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Thiago Suman Santoro

Título do projeto de pesquisa: Consciência na *Wissenschaftslehre nova methodo* de Fichte

Título da comunicação: A recusa em explicar a consciência como estado mental de um sujeito em Fichte e Wittgenstein

Resumo:

No primeiro princípio da *Wissenschaftslehre* de Fichte encontramos a postulação de uma identidade de sujeito e objeto como característica básica da consciência, em detrimento da explicação de que a consciência é um estado mental de um sujeito. A recusa da explicação da consciência como um estado da mente é motivada pelo impasse gerado com a separação de sujeito e objeto demandando que para se ter consciência do objeto é necessário também ter-se consciência do sujeito, pois sujeito não é objeto e vice-versa, e para se ter consciência do sujeito é necessário ter-se consciência dessa consciência, e assim sucessivamente, culminando numa regressão ao infinito que não explica satisfatoriamente a consciência. A tese de Fichte é que uma consciência imediata que identifica sujeito e objeto deve ser postulada para explicar satisfatoriamente a consciência, pois, por exemplo, em um pensamento x existem dois aspectos inseparáveis que são x e o estar consciente de x , i.e., objeto e sujeito, ambos numa unidade que é o pensamento x , sendo o objeto algo estabelecido positivamente e o sujeito estabelecido negativamente ou como uma ideia necessária, de modo que só faz sentido pensar em um objeto pressupondo um sujeito pensante para o qual este objeto aparece, sujeito este que não se objetiva, daí seu estatuto de ideia. De maneira similar, ao criticar no *Tractatus* a teoria do conhecimento de Russell e Moore, Wittgenstein pontua que proposições como “ A pensa p ” dão a impressão de que há uma relação entre um objeto A e uma proposição p , mas que verdadeiramente não se trata da coordenação de um objeto e um fato, e sim da coordenação de fatos por meio da coordenação de objetos, o que culmina na recusa da ideia de alma, porque uma alma composta não é uma alma. Wittgenstein defende que o sujeito que pensa não existe, mas é um limite do mundo, de modo que pode ser encarado como um ponto sem extensão em relação ao qual a realidade está coordenada, existindo o mundo para o sujeito de tal modo que pode-se afirmar que *o mundo é meu mundo*. Tanto em Fichte quanto em Wittgenstein, a relação entre sujeito e objeto pode ser entendida em termos de positivo e negativo, ou ainda, existente e inexistente. A hipótese que pretendemos trabalhar nessa comunicação é que há um núcleo comum nas duas considerações, a saber, uma recusa em explicar a consciência como estado mental de um sujeito e a defesa de uma posição idealista.

Mestranda: Luzia Conceição da Silva Oliveira

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Adriano Correia Silva

Título do projeto de pesquisa: O poder pastoral e a análise biopolítica a partir de Foucault

Título da comunicação: O poder pastoral e o poder político uma aliança que deu certo. Para quem?

Resumo:

A biopolítica entendida como uma *racionalidade administrativa da vida humana* é maléfica em sua essência? Haver-se-á desenvolvido uma maquinaria administrativa que visa aniquilar o homem? Em princípio, essa previsibilidade da conduta humana seguida por sua administração tem o foco de tornar a gestão das massas o mais viável possível, com máximo de controle sobre o que era antes relegado ao aleatório, como as epidemias. Essa eficiência da gestão da população também traz em seu seio um problema moral difícil de se resolver, a saber, a vida humana pode ser sujeitada a instrumento, ou seja, a um meio que tem como fim a competência administrativa? Não seria a vida um fim em si mesma? Foucault se dedicou a refletir sobre esse problema e sua hipótese é que os mecanismos utilizados na atualidade para o controle do homem enquanto espécie, tenham se desenvolvido no seio do poder pastoral. Se esses mecanismos foram elaborados no poder pastoral, como a política se apropriou deles? Tanto no poder pastoral quanto na política esses mecanismos possuem o mesmo viés? Em que medida o poder pastoral pode ser parâmetro de controle das massas para a política do estado moderno?

Candiotto (2012) no artigo intitulado *As religiões e o cristianismo na investigação de Foucault: elementos de contexto* aponta que as práticas religiosas orientais e ocidentais possuem um papel central no pensamento de Foucault. A religião no Oriente chama a atenção de Foucault, conforme consta no prefácio da primeira edição *da História da Loucura* (1961), por representar uma cultura que destoa profundamente da religiosidade no Ocidente. Enquanto as práticas religiosas ocidentais fazem uma varredura na alma e buscam através da fé a sua purificação e o consequente gozo da verdade, nas religiões orientais a mesma busca pela verdade não é um movimento de fora para dentro, mas de dentro para fora. Não é porque se purificou que o indivíduo alcança a verdade, mas porque se esvaziou de todas as ilusões que percebe em si mesmo a verdade. Para Candiotto (2012) Foucault volta o seu olhar para o budismo porque vê neles “a insurreição de um povo em defesa do direito de viver e ser livre diante de um governo intolerável e não como se pensa, a simpatia pelo clero integrista islâmico que passou a governar mediante o terror” (CANDIOTTO, 2012, p. 17). O interesse de Foucault pelas religiões se dá em decorrência dos formatos em que ocorrem a “individualização, subjetivação ou dessubjetivação”. Dito do que é fundamental no interesse de Foucault nas religiões, compreende-se por qual viés o cristianismo é defendido por Foucault como uma “prática de si mesmo e como dispositivo de saber-poder” (CANDIOTTO, 2012, p. 17).

Foucault indagou sobre a constituição do sujeito moderno, que no âmbito do macro no nível da população e também do micro quando se refere ao homem, se dá permeado por práticas disciplinares que visam o controle sobre o que antes era tido como aleatório. A disciplina pulverizada no pormenor da existência do homem individual permitiu o desenvolvimento de tecnologias políticas que tipificam, classificam, segregam e enumeram a população. De onde teriam surgido essas práticas e saberes? Como evoluíram para o exercício desse controle sobre o macro numa tentativa de manobra sobre qualquer eventualidade que possa acometer a população de uma forma efetiva? Esse controle se ocupa de qualquer evento ou tem tipos de eventos que são relevantes do ponto de vista da população? O presente texto procura entender à luz de Foucault como foi possível que a prática cristã se aliasse a prática política e que a primeira oferecesse à segunda um aparato de mecanismos de controle inicialmente pensados para o controle do comportamento físico e espiritual dos fiéis, e que passam a ocupar uma importância estrutural na política moderna?

CANDIOTTO, C. As religiões e o cristianismo na investigação de Foucault: elementos de contexto. In: CANDIOTTO, Cesar; SOUZA, Pedro de (Org.). *Foucault e o Cristianismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. v. 1. p. 15-22.

Mestrando: Marcelo Henrique Lisboa da Silva

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Renato Moscateli

Título do projeto de pesquisa: A liberdade individual na teoria política de Rousseau

Título da comunicação: A liberdade individual na teoria política de Rousseau

Resumo:

As obras políticas de Rousseau, especialmente *O Contrato Social*, nos levam a crer que a liberdade é um dos temas centrais do seu pensamento, pois o assunto é mencionado em diversos momentos da obra.

Percebendo que havia uma contradição entre a natureza e a realidade, ou seja, apesar de nascer livre, o homem encontrava-se por toda parte a ferros (1973, p. 28), o autor se pergunta sobre a possibilidade de haver alguma regra de administração legítima na ordem civil (1973, p. 27). A busca, portanto, de tal regra está ligada diretamente à solução que pretende oferecer para o problema, a saber, fazer com que o homem, ao unir-se aos demais, não perca sua liberdade. A legitimidade dessa regra tem sua origem estritamente numa convenção, e consiste fundamentalmente na completa impossibilidade de renúncia da liberdade por parte dos homens, pois afirma que seu modelo político de uma sociedade legitimamente organizada não se coaduna com uma simples agregação, cuja principal característica é o interesse privado (1973, p. 36), mas com “uma forma de associação que defenda e proteja a pessoa e os bens de cada associado com toda a força comum, e pela qual cada um, unindo-se a todos, só obedece, contudo a si mesmo, permanecendo assim tão livre quanto antes” (1973, p. 38). Em outras palavras, a regra ou o ordenamento político só é legítimo em razão do interesse comum e da liberdade dos indivíduos. No modo de existência social rousseauiano, o homem continua sendo senhor de si, assim como o era no estado de natureza. A diferença está no sentido do termo e não na essência, ou seja, a liberdade deixa de ser natural e passa a ser convencional. Mas em momento algum ocorre a perda da liberdade. Pelo contrário, Rousseau afirma que nessa mudança o homem ganha o equivalente a tudo o que ele perde “e maior força para conservar o que se tem” (1973, p. 39). Nesse sentido, é necessário considerar a figura do soberano, isto é, o corpo moral e coletivo formado logo após o ato de associação no lugar da pessoa particular de cada associado, como o único capaz de garantir aos associados a aquisição das vantagens que cada um tinha em mente quando decidiu associar-se, e entre essas vantagens, a principal é a garantia de que permanecerão livres. Este é basicamente o problema filosófico para o qual Rousseau está propondo uma solução, como já foi dito. Ou seja, como unir-se aos demais sem, contudo perder a liberdade, sem obedecer a ninguém.

Apesar de todo esforço em apresentar um modelo de Estado republicano, cuja máxima, digamos assim, seja a liberdade, Rousseau é fortemente criticado por alguns liberais de ser inimigo da liberdade e de aniquilar por completo a liberdade individual com sua teoria política. Entre eles cito Isaiah Berlin, Benjamin Constant e Jacob L. Talmon.

Questões que pretendo investigar:

- 1) Por que Rousseau é acusado de tolher a liberdade individual? Em outras palavras, por que o seu pensamento de um Estado republicano interfere ou impede as liberdades individuais? Será que aquilo que os liberais chamam de liberdade individual corresponde ao sentido utilizado por Rousseau ou há diferença? Se houver diferença, pretendo entender bem claramente a perspectiva de cada um.
- 2) Entender bem os argumentos dos liberais de que a solução encontrada por Rousseau é não apenas paradoxal, mas, sobretudo destrói a liberdade.

Dificuldades mais importantes que terei de enfrentar:

- 1) Pretendo dar conta de uma possível ou aparente contradição interna no pensamento do filósofo, a saber, aqueles que porventura se recusarem a seguir a vontade geral serão constrangidos a segui-la ou forçados a serem livres. Daí, como é possível que a liberdade possa se coadunar à ideia de coerção, tendo em vista que liberdade, no pensamento do filósofo, significa não submeter-se à vontade arbitrária de outrem?
- 2) Os cidadãos devem ter uma religião que os faça amar os deveres civis, cujos artigos da profissão de fé sejam fixados pelo Estado como sentimentos de sociabilidade sem os quais é impossível ser um bom cidadão ou súdito fiel. Em outras palavras, Rousseau considera a fé religiosa necessária para a cidadania.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Contrato Social*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

Mestrando: Marcelo Rodrigues de Melo

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Renato Moscateli

Título do projeto de pesquisa: A problemática da formação da identidade pessoal moderna e multicultural em Sandel e Taylor

Título da comunicação: Os três mal-estares da modernidade por Charles Taylor

Resumo:

Taylor, em sua obra *A ética da autenticidade*, identifica três mal-estares da modernidade: o individualismo, a razão instrumental e o despotismo suave. Tanto o primeiro quanto o segundo carregam consigo o sentimento de desencanto com o mundo, já o terceiro deriva em grande parte dos anteriores.

O filósofo canadense aponta como fonte desses mal-estares, principalmente, o abandono das concepções substantivas de bem conhecidas como ordens superiores. Por mais que essas ordens restringissem severamente nossos antepassados, elas também serviam de horizontes morais. O indivíduo moderno ganhou autonomia e liberdade, mas junto com esse ganho, e de forma derivada, perdeu as fontes de um propósito de vida mais elevado. Com a ascensão dos conceitos de igualdade – necessária para a liberdade e a autonomia – e democracia, o indivíduo se voltou cada vez mais para si mesmo.

Outro fruto do abandono das ordens superiores é a razão instrumental. Como apontado por Nietzsche em *Humano demais Humano I*, a resposta à descrença na divindade cristã foi a crença no ser humano e na sua mais distinta capacidade, a razão. Somada a isso, temos a interpretação de que o indivíduo não pode mais se basear em ordens superiores. Sendo assim, por não poder considerar que existe qualquer concepção substantiva de bem superior, a melhor postura política é a neutra em relação a concepções de bem. Já para o indivíduo, o melhor é a busca pela felicidade e pelo bem-estar, seja o que for que represente a felicidade e o bem-estar para cada um.

Essa postura alimenta ainda mais o individualismo, fundamenta o utilitarismo de Bentham, as ideias de relativismo moral e o subjetivismo. Além disso, em âmbito público e social, como as concepções particulares de bem do indivíduo não podem ser consideradas, a postura instrumental se alastra pela sociedade e a torna cada vez mais focada em eficiência e na maximização de resultados.

Por fim, temos o despotismo suave. A partir do individualismo, o indivíduo tende a se voltar somente para seus interesses privados e, assim, a se afastar da participação política. Já a partir da razão instrumental, a sociedade se molda de forma a funcionar com base em eficiência, custo-benefício e resultados, e assim o indivíduo não pode mais optar por uma conduta pública com base em seus próprios critérios. Desta maneira, o sentimento do indivíduo é que seus valores de bem se aplicam somente à sua vida privada e não há nada que se possa fazer em relação à vida pública. Com isso, abre-se o caminho para o que Tocqueville chamou de despotismo suave, um governo que, desde que seja moderado e paternalista, pode resolver arbitrariamente as questões políticas de uma nação.

Mestrando: Marcelo Tannus Goulart

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Thiago Suman Santoro

Título do projeto de pesquisa: Música e afirmação trágica da existência: sobre a dissonância musical em *O Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche

Título da comunicação: *O principium individuationis* em *O Nascimento da Tragédia*, de Nietzsche, e na *Filosofia da Nova Música*, de Adorno

Resumo:

Na *Filosofia da Nova Música*, Adorno retoma a noção, consagrada por Nietzsche em seu período de maior influência por Wagner e Schopenhauer, de *principium individuationis*, o que torna esta noção uma chave de acesso ao que está em jogo nestes dois importantes escritos filosóficos ligados à música. Em *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche relaciona o *principium individuationis* à figura do mito ou herói trágico, elemento visual, apolíneo, que “nasce” a partir do elemento dionisíaco, a música, para juntos formarem a mais elevada das artes, a tragédia. Aqui, o indivíduo mítico teria, entre outras, uma função pedagógica, pois sua aniquilação liberta-nos enquanto espectadores-ouvintes “da ávida impulsão para esta existência e, com mão admoestadora, nos lembra de um outro ser e de um outro prazer superior” (p. 125). Este “prazer superior” estaria na reintegração do indivíduo aniquilado à totalidade da natureza, que poderíamos experimentar com ajuda da música. Com esta “metafísica de artista” ligada a uma “consideração trágica de mundo”, Nietzsche propõe uma alternativa à consideração moral platônico-cristã, centrada na figura do indivíduo cuja alma inquebrantável se preserva a todo custo, o que acaba por levar a uma desvalorização “deste” mundo e a um empobrecimento “desta” existência em benefício de um “além”. Assim, com intuito de superar, ainda que de forma incipiente em sua obra, a moral e a metafísica tradicionais, Nietzsche apresenta o rompimento orgiástico do *principium individuationis* nas tragédias como algo desejável, indicativo de experiências anteriores e posteriores ao “eu”. Já Adorno, filho de outra época, aponta o *principium individuationis* como algo a ser, sim, preservado, mas não contra aquela prazerosa reintegração metafísica à unidade da natureza, e sim contra a submissão do indivíduo às pressões autoritárias da sociedade total. Essa talvez seja, inclusive, a mais crucial diferença entre os compositores Schoenberg e Stravinski por ele analisados. Stravinski é alvo de duras críticas, pois, segundo Adorno, retoma a tradição de Schopenhauer e Wagner para “fazer da linguagem aconceitual da música um órgão do que é anterior ao eu”, agindo, portanto, “em detrimento do *principium individuationis*” (2007, p. 129), de forma tal que “a desintegração do sujeito proporciona-lhe a fórmula para a integração estética do mundo” (p. 157). Mas se as composições de Stravinski seriam, portanto, cúmplices da completa submissão dos indivíduos à administração total, Schoenberg, por outro lado, é louvado por Adorno porque, entre outros motivos, “atém-se sem reservas ao *principium individuationis*” (p. 162), o que constituiria uma defesa acirrada (p. 164) contra as pressões da administração total no capitalismo tardio. Em suma, enquanto Nietzsche aponta para a possibilidade de uma experiência orgiástica numa esfera supra-individual, seja nas tragédias gregas ou nas wagnerianas, para Adorno importa enfrentar o desafio de preservar os indivíduos, o que é logrado por Schoenberg por meio da “ideia temática” da melodia ou *lied* (p. 64), enquanto Stravinski, mesmo quando busca restaurar o mito arcaico, apresenta-o como indivíduo já inteiramente submetido, “que não necessita de nenhuma metafísica e que zomba de seu próprio princípio” (p. 164), manobra que, no entanto, “atraiu todos aqueles que queriam libertar-se de seu eu” (p. 151).

ADORNO, Theodor W. *Filosofia da nova música*. Tradução de Magda França. São Paulo: Perspectiva, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. 2ª edição. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Mestrando: Marcos Bruno Silva

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientador: Fábio Ferreira de Almeida

Título do projeto de pesquisa: O estatuto da Psicologia na obra de Georges Canguilhem

Título da comunicação: Sobre a História das Ciências em Georges Canguilhem

Resumo:

O presente trabalho objetiva apresentar o sentido que Georges Canguilhem atribui à chamada História das Ciências. Canguilhem é um dos autores mais representativos da Epistemologia histórica, perspectiva que fica explícita em suas descrições e análises das questões postas às ciências da vida; região a qual ele dedica atenção devido a dificuldades referentes aos conhecimentos produzidos nestas áreas científicas. O trabalho busca indicar ainda de que modo Canguilhem delimitou esse fazer investigativo e metodológico para a compreensão dos discursos produzidos em relação aos objetos elencados pelas diversas ciências. Onde surgiu, qual o objeto que se debruça, e o que diferencia a História das ciências de outras maneiras de analisar filosoficamente as ciências também serão abordados, com o intuito de apresentar uma síntese do que o filósofo francês entende em relação a uma análise histórica e filosófica dos discursos científicos. A análise da racionalidade, considerando a historicidade dos discursos, constitui uma novidade no modo de diálogo da filosofia com a ciência. Para tentar dar conta de realizar tal pretensão, o trabalho será realizado a partir da leitura de obras de George Canguilhem: *Estudos de História e de Filosofia das Ciências: Concernentes aos Vivos e à Vida e Ideologia e Racionalidade nas Ciências da Vida*. Estas duas obras são particularmente importantes para a compreensão da História das ciências e de seu objeto. Além dos textos do próprio autor, serão utilizados também outros livros: um do filósofo brasileiro Roberto Machado: *Foucault, a ciência e o saber* e um de François Châtelet: *História da Filosofia, Ideias, Doutrinas*. O primeiro ajudará na compreensão do pensamento e da filosofia epistemológica de Canguilhem e, o segundo auxiliará no conhecimento do contexto histórico de surgimento da Epistemologia Histórica ou História das Ciências na França, sua diferença em relação a outras formas de filosofias das ciências. Espera-se com isso apresentar de forma concisa o sentido que Georges Canguilhem oferece à História das ciências, pois a temática é vasta e exigiria uma pesquisa mais aprofundada. Espera-se com esse trabalho contribuir para a apresentação dessa maneira singular de fazer epistemologia, e assim ter acesso a como a história e a filosofia podem ajudar, dialogando com as ciências, no processo de aprimoramento da racionalidade na constituição dos discursos científicos.

Doutoranda: Mariana Andrade Santos

Linha de pesquisa: Estética e Filosofia da arte

Orientadora: Carla Milani Damião

Título do projeto de pesquisa: O caleidoscópio estilizado: memória, história e esquecimento em Walter Benjamin

Título da comunicação: Os arabescos entrelaçados entre o lembrar e o esquecer

Resumo:

A presente comunicação propõe uma investigação acerca da questão da memória e do esquecimento na filosofia de Walter Benjamin. O problema do lembrar e do esquecer articula-se, na obra benjaminiana, com a questão da escrita da história, desembocando em sua proposta de uma historiografia crítica, formulada teoricamente no último dos textos escrito pelo filósofo, em 1940, publicado apenas postumamente sob o título *Sobre o conceito de História*. A proposta historiográfica de Benjamin é desenvolvida a partir de uma reelaboração da temporalidade e da memória involuntária de Proust, operando um deslocamento do contexto individual para o âmbito da história coletiva e política. A temporalidade reivindicada por Benjamin nas teses tem muita influência da concepção de uma temporalidade entrecruzada, solo do qual se nutre e pelo qual desenrola o enredo narrativo da monumental obra proustiana. Propomos, nesse sentido, investigar a maneira como Benjamin elabora o conceito de rememoração [*Eingedenken*] a partir da memória involuntária proustiana e o modo como elementos temporais do romance *Em busca do tempo perdido* de Proust são reconfigurados no interior do desenvolvimento teórico benjaminiano. Dentre esses elementos, ao lado do inacabamento do passado e da temporalidade entrecruzada, destacaremos a dinâmica entre o lembrar e o esquecer, uma vez que a rememoração é composta pelo entrelaçamento entre lembrança e esquecimento e a forma como passado e presente se cruzam no tecido romanesco dos fios narrativos de Proust é absorvida e reelaborada por Benjamin nas teses *Sobre o conceito de História*. Essa dinâmica entre o lembrar e o esquecer é fundamental para a decifração do labirinto temporal criado no interior da narrativa proustiana, na medida em que é o próprio esquecimento que mais profundamente possibilita a memória involuntária em Proust. O nosso intuito, nesse texto, é o de explorar uma proposta de leitura da historiografia benjaminiana pelo viés investigativo atento aos rastros da presença de Proust no pensamento de Benjamin e, principalmente, trazendo à tona a interpretação benjaminiana desenvolvida no ensaio *A imagem de Proust*.

Doutorando: Paulo Júnio de Oliveira

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: André da Silva Porto

Título do projeto de pesquisa: *Mathēmatikós Noetos*: a conexão entre o idealismo de Brouwer e os fundamentos intuicionistas do continuum matemático

Título da comunicação: Brouwer e Dummett sobre infinitude espacial

Resumo:

Nesta comunicação, pretendemos discutir duas noções de “infinitude”, isto é, pretendemos discutir a noção de “infinitude ordinal” e a noção de “infinitude cardinal”. Infinitude cardinal seria *predicada* de um “conjunto de elementos”, já infinitude ordinal seria *predicada* de um “processo”. Na literatura de filosofia da matemática, “infinitude ordinal” pode ser também chamada de “infinitude potencial” e “infinitude cardinal” pode ser chamada de “infinitude atual”. A partir dessa distinção conceitual entre duas noções de “infinitude”, abordaremos o problema da possibilidade teórica de uma infinitude de estrelas – tratado por Dummett em sua obra intitulada “Elementos do Intuicionismo”. Dummett sugere que mesmo diante dessa possibilidade teórica, é possível predicar infinitude ordinal. De fato, segundo ele, faria sentido falar apenas de “infinitude ordinal” – de modo que, tanto em “matemática” quanto em “casos empíricos” não faria sentido falar de infinitude cardinal. O nosso problema aparece no fato de que parece ser problemático predicar infinitude de “estrelas” – como sendo uma infinitude predicada de um “processo” e não como sendo uma infinitude predicada de um “conjunto” [de estrelas]. Mesmo diante da possibilidade teórica de uma infinitude de estrelas, Dummett apenas observa que o intuicionista *poderia reinterpretar o que pareceria ser infinitude cardinal como sendo infinitude ordinal*. Ora, iremos mostrar que, se Dummett não demonstra razões *extras* que sustentam essa posição, então se torna difícil interpretar um caso empírico infinitário como sendo também um caso ordinal ou potencial de infinitude. Em Brouwer, nós encontramos alguns pressupostos idealistas necessários para argumentar em favor da ideia de que mesmo em um contexto empírico, como o de uma infinitude de estrelas, teríamos uma noção de “infinitude ordinal” e não uma noção de “infinitude cardinal”. Então, depois de discutir as duas noções de infinitude, de abordar o problema de Dummett, apenas explicitaremos os *pressupostos idealistas* de Brouwer que *justificariam/explicariam* de modo mais plausível e razoável as razões que levariam um intuicionista a predicar infinitude ordinal até mesmo de um caso empírico espacial.

Doutorando: Pedro Lucas Dulci

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Adriana Delbó Lopes

Título do projeto de pesquisa: A filosofia que vem: o messianismo paulino no pensamento de Giorgio Agamben

Título da comunicação: Sacralização e política: leituras da contemporaneidade através da filosofia de Giorgio Agamben

Resumo:

Apesar de dominante, tanto na esfera acadêmica, como na opinião pública, o olhar “secularizado” que é comumente dado à cultura ocidental contemporânea precisa ser problematizado. Não apenas em razão de episódios isolados – como a islamização da Europa ou a presença distintiva de igrejas evangélicas nos processos eleitorais –, mas, acima de tudo, por um detalhamento filosófico mais refinado sobre as dinâmicas que são mais típicas na esfera pública e que orientam a ação política na contemporaneidade. Quem percebeu a necessidade de um olhar mais apurado no que estava acontecendo na esfera pública, no que diz respeito a sua relação com a religião, foi o filósofo italiano Giorgio Agamben. À revelia de seu multifacetado trabalho, existe uma espécie de coluna vertebral que perpassa toda a obra do filósofo. Trata-se justamente de seu esforço em dialogar com a tradição teológica na produção de um pensamento capaz de compreender as transformações que a cultura ocidental experimentou por meio de uma série de sacralizações. Seja a sacralização da vida, na figura do *homo sacer*, ou até mesmo na sacralização da força-de-lei do soberano, em um instituto como o estado de exceção, Agamben identificou em uma série de dinâmicas políticas contemporâneas práticas que seriam melhor compreendidas se fossem lidas à luz das devoções religiosas. Nesse sentido, a presente comunicação vai explorar o poder explicativo da análise de tais sacralizações na esfera política.

Doutoranda: Priscilla da Veiga Borges

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: André da Silva Porto

Título do projeto de pesquisa: Idealismo em Wittgenstein: um estudo sobre o Idealismo Semântico no argumento da Linguagem Privada

Título da comunicação: Idealismo e consciência na filosofia de Wittgenstein

Resumo:

O idealismo é identificado geralmente com certa dependência do mundo físico em relação ao que ficou consagrado em filosofia moderna e contemporânea como “consciência”. A dependência do mundo físico em relação à consciência foi desenvolvida ao longo da filosofia moderna de várias formas como é o caso dos idealismos ontológico de Berkeley e epistemológico de Kant (SPRIGGE, p. 3.826). De um modo geral, posições idealistas modernas postulam pelo menos duas possibilidades para a existência do mundo físico: a) o mundo físico existe como um conteúdo da consciência e b) o mundo físico existe como um objeto para a consciência (SPRIGGE, p. 3.826). O termo consciência, por sua vez, tem estreitas ligações com a noção de que o ser humano além do corpo físico passivo de mudanças, alterações e passagem do tempo, tem um acesso privilegiado a um interior imutável e infalível, sendo em razão disso, fonte de conhecimento de si mesmo, das emoções, sensações e eventos mentais em geral, bem como do mundo físico. Nesse sentido, a consciência seria a mais básica realidade, o fundamento do conhecimento de si mesmo e do mundo. Descartes, nas *Meditações sobre Filosofia Primeira*, apresenta a tese segundo a qual corpo e mente são substâncias distintas uma da outra, sendo o corpo substância divisível, mutável e imortal e a mente substância indivisível, imutável e imortal. Em razão de tais características, a mente é considerada “pura substância” fonte de conhecimento privilegiada, que garante o acesso imediato à própria mente e ao mundo externo (DESCARTES, p. 35-39). Em um primeiro momento, não parece razoável que Wittgenstein tenha subscrito algum tipo de idealismo em algum momento de sua filosofia, mas desde os primeiros trabalhos de Wittgenstein, conceitos e noções relacionadas ao idealismo moderno ganham destaque em sua filosofia como é o caso dos aforismos do *Tractatus Logico Philosophicus* relativos ao solipsismo (5.6-5.641) e do argumento contra a possibilidade de uma linguagem privada nas *Investigações Filosóficas* (§§ 243 -315). É justamente o estudo gramatical dos conceitos relacionados ao “eu”, ao “solipsismo”, às noções “interno/externo”, à “linguagem privada” etc que permitiria uma caracterização da perspectiva de Wittgenstein como um certo tipo de idealismo que, por um lado, põe em xeque importantes concepções pressupostas no idealismo moderno, como é o caso da privacidade absoluta da consciência, e, por outro, assume certas características compatíveis com um determinado tipo de idealismo que tem como pano de fundo uma teoria semântico-pragmática da consciência. Nesse sentido, não seria característico da filosofia de Wittgenstein, uma ruptura radical com o idealismo moderno, mas uma crítica direcionada para alguns aspectos problemáticos do idealismo, como é o caso da privacidade absoluta da consciência. Na presente comunicação, iremos argumentar que nas *Investigações Filosóficas*, o conhecido “Argumento da Linguagem Privada”, tratado nos parágrafos 243 a 315, pode ser visto como um exemplo paradigmático na obra de Wittgenstein, em que a noção de consciência é revisada de forma crítica sem, contudo, o abandonar uma posição idealista.

DESCARTES, René. *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Trad. Fausto Castilho. Edição bilíngue em latim e português. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

SPRIGGE, T. L. S. Idealism. In: *Routledge Encyclopedia of Philosophy*. Abingdon: Routledge, 1998.

Doutorando: Ramon T. Piretti Brandão

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Adriana Delbó Lopes

Título do projeto de pesquisa: Subjetividades e Insurreições: da estetização da vida como atitude de liberdade

Título da comunicação: Dos processos de subjetivação

Resumo:

Em seus últimos livros, Foucault realiza uma homenagem aos Gregos enquanto criadores da relação de poder entre homens livres; homens livres que comandam politicamente homens livres. Ademais, como já esclarecemos, não se trata de um regresso aos Gregos com a finalidade de venerar sua moral, mas, antes, trata-se de se voltar a consideração, por eles criada, de *subjetivação*. Desde então, não é mais suficiente que a força se exerça sobre outras forças, ou que se submeta ao efeito de outras forças; é necessário que ela se exerça sobre si mesmo, sobre o próprio sujeito. Será justamente aquele que desenvolveu o domínio de si que será digno de comandar os outros. Foi, portanto, dobrando sobre si essa força, foi colocando a força em uma relação consigo que os Gregos inventaram a subjetivação. Essa relação da força consigo mesmo já não se integra ao domínio de regras codificadas do saber (ou seja, da relação entre formas), nem no domínio das regras constrangedoras do poder (ou seja, da relação da força com outras forças), mas na trama das regras através das quais um indivíduo exerce um poder sobre ele mesmo (relação a si). Os gregos criaram, assim, o modo de existência estética.

Como sublinha o próprio Deleuze, não existe no pensamento de Foucault um regresso aos gregos. Se ele analisa os modos de existência gregos e cristãos, a forma como eles se articulam com os saberes e como se comprometem com o poder, se sublinha a existência de uma moral cristã, mas também a existência de uma ética-estética cristã e, entre elas, todo um movimento de luta, é porque procura partir da análise de diferentes formações históricas que nos ajudem a pensar a atualidade. Em toda a sua obra, Foucault busca analisar as formações históricas em relação ao momento atual, pois pensar é sempre experimentar, e experimentar é sempre aquilo que está a fazer no momento presente. Em outras palavras, o que essencialmente lhe interessa não é o regresso a uma qualquer formação histórica anterior, mas nós, *hoje*: que novas relações temos, hoje, com a linguagem e com a vida? Que novas lutas com o poder se delineiam? Neste sentido, a interrogação que inquietava os Gregos permanentemente: “Qual é a nossa ética, como produzimos uma *existência artista*, quais são os nossos processos de subjetivação, irreduzíveis aos nossos códigos morais? Em que lugares e como se produzem novas subjetividades?” (DELEUZE, 1990, p.155).

O pensamento foucaultiano não se constitui como uma forma teórica sedentária. Ele desloca-se com a vida, na linha imperfeita que mistura a proximidade da morte e a vida. Os problemas apresentados por Foucault foram sempre problemas de vida. Daí que, nos seus últimos livros, oriente toda a sua investigação para aquilo que denomina *modos de subjetivação*; o que não significa um regresso ao sujeito, mas uma nova linha de ruptura que traz como lastro uma contaminação entre o pensamento e a vida. A subjetivação afigura-se, então, como a produção de modos de existência ou estilos de vida. Em posição à moral que participa do poder e do saber, a subjetivação é uma produção – de subjetividade – ética e estética.

A subjetividade não é, de forma alguma, uma formação de saber ou uma função de poder [...]; a subjetivação é uma operação de artista que se distingue do saber e do poder, e não tem lugar neles. [...] Ela consiste em dar uma curvatura à linha, fazer que ela retorne sobre si, ou que a força se afete a si mesma. Então, teremos os meios de vir o que de outra forma seria invivível. O que diz Foucault, é que não podemos evitar a morte e a loucura senão fazendo da existência um “modo”, uma “arte” (DELEUZE, 1990, p.154).

Dito de outra forma, a subjetivação é um tipo de individuação que pode ser tanto particular quanto coletiva, “que caracteriza um acontecimento (uma hora do dia, um rio, um vento, uma vida...). É um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia passar além do saber, nem resistir ao poder” (DELEUZE, 1990, p. 135). E assim, comportando individuações sem sujeito, os modos de subjetivação são uma forma de paixão, pois “a paixão, talvez seja isso, dobrar a linha do exterior, torná-la vivível, saber respirar” (DELEUZE, 1990, p. 158).

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 1990.

Mestrando: Renato César Rodrigues

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientador: Hans Christian Klotz

Título do projeto de pesquisa: O conceito e a alienação do trabalho nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de Marx

Título da comunicação: O conceito de *trabalho* nos Manuscritos Econômico-Filosóficos de Marx

Resumo:

Marx redige os *Manuscritos Econômicos-Filosóficos* em meio a uma turbulenta, porém profícua tempestade de ideias. Seu contato com a economia política inglesa e ideias comunistas francesas, foram decisivas no seu rompimento com a tradição idealista alemã, já solapada diante das contraposições hegelianas e feuerbachianas. O conceito de trabalho alienado será percebido como o “ponto de Arquimedes” que faltava à crítica de Marx às oposições antagônicas entre o fazer e o pensar (teoria e prática) as quais são seu objetivo desde a sua atividade liberal como jovem hegeliano. A suprassunção da alienação do trabalho enquanto momento positivo da objetivação é a esfera ontológica fundamental responsável pela autogênese humana. O desenvolvimento positivo do trabalho é imprescindível para que o homem se afirme como ser humano, dado que seu produto do trabalho confirma sua atividade objetiva, racional, estritamente humana.

O trabalho é uma categoria vital na sociedade humana. É nessa atividade consciente que homens e mulheres se apartam da natureza. Ao alterar a natureza, também transformam sua natureza humana. Em outras palavras, ao produzir livremente, ou seja, de forma racional, o homem aparta-se da natureza e se produz homem. A objetivação do gênero humano, ou seja, a exposição da sua essência por meio do trabalho tem dupla consequência: espiritual e concreta. Ao modelar a realidade, produz o objeto concreto. Neste sentido, esta exteriorização é *condição necessária* da propriedade privada. A perda deste objeto é um momento da alienação que dilacera o homem, enquanto sujeito que produz. Ao ser negado a ele o desfrute do trabalho, o homem estranha o objeto de sua atividade. O pressuposto da negação do desfrute do trabalho é o estranhamento do processo de produzir e, o seu resultado, o estranhamento de seu ser universal e livre, do seu ser genérico também produzido pelo trabalho. Sob a égide do capitalismo, há uma inversão subjetiva da relação propriedade privada-trabalho que espolia do trabalhador do produto de seu trabalho. Esta forma social-econômica particular deforma a objetivação de maneira que o produto lhe aparece de forma independente, estranha, hostil. Esta quimera opera um delírio, em que o homem não pode, dirá Marx, “contemplar-se num mundo por ele criado”. É sobrepujado por uma força externa, que restringe sua atividade emancipadora, sua liberdade. O que era uma finalidade central do seu ser, transforma-se em meio de subsistência. Na configuração capitalista do trabalho, este se torna uma mercadoria cuja finalidade é criar outras mercadorias. Uma mercadoria, segundo Marx, com “as mais infelizes propriedades”.

Doutorando: Sebastião Alonso Júnior

Linha de Pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientador: André da Silva Porto

Título do projeto de pesquisa: Compreensão, significação e regras na filosofia madura de Wittgenstein

Título da comunicação: Regras de sentido e exercício da compreensão

Resumo:

A pesquisa em andamento se ocupa, fundamentalmente, em investigar a noção de “compreensão” que Wittgenstein subscreve no período final do seu pensamento. Neste percurso nos demos conta de que para consecução de nosso objetivo principal é preciso passar pelo entendimento da noção de “regras”. Em face disso, a proposta nesta comunicação é examinar, a partir das caracterizações que Wittgenstein oferece ao conceito, a forma como uma “regra de sentido” atua de forma decisiva no exercício da compreensão, e revela se um falante domina a habilidade em utilizá-la ou não. Nosso entendimento é de que a abordagem é fundamental não só para lançar luz à noção de “compreensão”, mas também a tópicos como “sentido” e “usos” da linguagem. Contudo, é preciso entender como se articulam as conexões internas desse conceito, uma vez que as regras operam na base do funcionamento das nossas relações interlocutórias. São elas que determinam os jogos de linguagem que fazem sentido e quais devem ser apenas descartados. A verdade é que o fenômeno da “compreensão” se manifesta de três formas: no modo como “aplicamos”, “reagimos” e “explicamos” uma linguagem. Mas essas três manifestações dependem da habilidade em “seguir regras” (*Regel folgen*) que o falante domina. Nesse sentido, “compreender” é apreender uma regra. Já o seu exercício se realiza no ato de segui-las em contextos interlocutórios. Essa distinção em muito deve ao fato de que a noção de “regras” subscrita no pensamento final do filósofo é pensada para funcionar como *ato* dentro das práticas interlocutórias. A finalidade desse ato é barrar possíveis usos anormais da linguagem, estabelecendo a fronteira entre as coisas que fazem, ou não, sentido dizer. Elas são fundamentais tanto para o entendimento do fenômeno da “compreensão”, quanto para a reflexão acerca do seu efetivo exercício, uma vez que só se manifestam a partir de “uma certa maneira de se expressar” dos membros da comunidade linguística que, por vezes, podem obedecê-las, e outras violá-las. Assim, em face do propósito inicialmente demonstrado, estamos convencidos de que no período final o tópico “regras” desempenha um papel estratégico, sobretudo no tocante à ideia de “compreensão” e seu exercício. Além disso, a discussão em muito favorecerá o entendimento das conexões entre as concepções de “sentido”, “compreensão” e “uso” da linguagem.

Profa. Dra. Sue Matheson (University College of the North)

Título da palestra: Othering, Doubling and Abjection: domestic horror in Henry Selick's *Coraline* (2009)

Resumo:

An offbeat horror film, Henry Selick's *Coraline* (2009) is now a stop-motion cult classic and considered better even than *The Nightmare Before Christmas* (1993). Unlike *The Nightmare Before Christmas*, which was considered light entertainment for children and adults, *Coraline* has sharply divided its audiences. As *Empire's* Helen O'Hara notes, "[a]dults leaving screenings of *Coraline* [were] overheard fretting about how scary it is—and they're right: it's terrifying. Children leaving the cinemas, though, have just been bouncing and laughing."¹ In part, the adults' response to *Coraline* is due to Selick's unsettling repudiation of the maternal figure, unsentimental examination of mother-daughter relations, and questioning of female agency. As A.O. Scott of *The New York Times* points out, *Coraline* "unlocks a cellarful of psychological implications," about the predatory nature of parental love.² The children's reactions to *Coraline* are largely the result of the "can-do" personality of the film's heroine who saves her parents from a terrifying Victorian construct in a Gothic mansion. As O'Hara remarks, *Coraline* is "a strange film."³ A Gothic metaromp that plays with Hollywood horror conventions, *Coraline* taps into Freudian doctrine while demonstrating how the past pervasively houses and shapes the present. Throughout, Selick's uses of doppelgängers and Othering call attention to the psychic forces involved in *Coraline's* personal growth. In this film, conflict between mother and daughter is inevitable and ultimately a desirable aspect of female agency, because abjection is a necessary element of their personal growth and individuality.

¹ Helen O'Hara, "Coraline Review," *Empire*. March 25, 2008, updated July 21, 2016. <https://www.empireonline.com/movies/coraline/review/>.

² A. O. Scott, "Cornered in a Parallel World," *The New York Times*. February 5, 2009. <https://www.nytimes.com/2009/02/06/movies/06cora.html>.

³ Ibid.

Doutoranda: Thayla Magally Gevehr

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do Conhecimento

Orientadora: Martina Korelc

Título do projeto de pesquisa: Quem é o *Dasein*?: uma análise da si mesmidade como caminho para a resposta acerca do “quem”

Título da Comunicação: Quem é o *Dasein*? O testemunho da consciência como apelo ao ser si-mesmo próprio

Resumo:

A questão “quem é o *Dasein*?” elaborada em *Ser e Tempo*, encontra como uma das respostas a impessoalidade. Segundo Heidegger, ser impessoal é ser sem ter vindo a si como si-mesmo, é ser de tal modo que, quando convocado a responder por seu ser, *Dasein* esquiva de si, mantendo-se naquilo que os “outros” (o todo mundo) ditam e prescrevem. Isto quer dizer que, por ser, impessoalmente, como “todo mundo é”, o ente que somos deixaria imperar um modo de ser que procede dos outros, “relegando” sua responsabilidade de escolha ao que não tem face, porque não é fruto de um si-mesmo que se pensa, se escolhe e se responsabiliza, de um si-mesmo que responde por seu ser de modo próprio. No impessoal, *Dasein* está entregue, então, ao que todo mundo faz e aceita, sem questionar e sem oferecer resistência ao que é veiculado por todos; nessa veiculação, vigora a tranquilidade do não precisar escolher e decidir, porque tudo já está dado. Se *Dasein*, porém, perde-se no impessoal, como ele pode recuperar-se dessa perda?

Em Heidegger, o caminho para responder a essa questão passa pela tematização do testemunho da consciência, pois somente em vista desse testemunho é que o *Dasein* pode ser de modo próprio, ou seja, o testemunho convoca o *Dasein* a si e, nesse convocar, exige que ele abandone a compreensão impessoal em que se perdeu a fim de que se assuma como pura possibilidade de escolha, como aquele que escolhe a escolha sem delegar a responsabilidade do seu ter que ser, do seu ter que escolher a nenhum outro que não si-mesmo. Recuperar-se da perda significaria, assim, recuperar o seu si-mesmo como possibilidade de ser e como responsabilidade pelo que escolhe ser desde si. Contudo, é importante que perguntemos o seguinte: em que medida a tematização do chamado da consciência é suficiente para dar pistas do que significa ser si-mesmo em vista de si-mesmo? Por que, afinal de contas, *Dasein* se perde? Como o chamado convoca o *Dasein* a ser próprio e em que base essa convocação se assenta para ser encarada, por Heidegger, como o caminho que comprova e requer tal modalidade de ser?

Para responder e pensar todas as perguntas elaboradas aqui, este trabalho exporá, segundo a filosofia heideggeriana, em que consiste a impessoalidade e, posteriormente, em que consiste o testemunho da consciência como condição para o ser-si-mesmo de modo próprio. Na apresentação desses conceitos, também deverá ficar claro o motivo por que *Dasein* se perde e como, nessa perda, ele retorna a si. Por fim, a exposição e articulação conceitual deverão lançar, para discussão, a questão sobre a suficiência da tematização do chamado da consciência como meio para justificar a necessidade do ser-si-mesmo próprio.

Mestrando: Victor Augusto Barbosa Vieira

Linha de pesquisa: Metafísica e Teoria do conhecimento

Orientador: Wellington Damasceno de Almeida

Título do projeto de pesquisa: Substância e Essência em Aristóteles

Título da comunicação: Paralogismos Acidentais nas Refutações Sofísticas de Aristóteles

Resumo:

No capítulo 24 de *Refutações Sofísticas* Aristóteles apresenta sua explicação sobre a invalidade de todos os argumentos que correspondam à descrição dada em 166b29-30. De acordo com o filósofo, todos esses argumentos, chamados de paralogismos acidentais, falham em satisfazer o princípio enunciado em 179a37-8. Por meio deste princípio é declarado que a transitividade de predicados entre dois itens é necessária se, e somente se, esses dois itens são unos e indiferenciados em *ousia*. Ainda que a leitura do capítulo mencionado não desperte nenhuma dúvida sobre a atitude de Aristóteles em relação à importância desse princípio, a interpretação sobre o conteúdo deste é motivo de controvérsia entre os intérpretes. Nossa pesquisa toma essa controvérsia como uma questão a ser investigada. Essa investigação será feita a partir da elaboração de hipóteses interpretativas sobre o que são os paralogismos acidentais, por que estes são argumentos inválidos e como, apesar disso, estes argumentos aparentam satisfazer a definição de refutação. Cada uma dessas hipóteses será avaliada em relação a dois pontos, sua capacidade explanatória e a consistência com dois conjuntos de teses, aquelas que são assumidas por Aristóteles, tanto em *Refutações Sofísticas*, 24, 179a38-179b1.

Doutorando: Vinícius Rodrigues Maione

Linha de pesquisa: Lógica e Filosofia da Linguagem

Orientadora: Araceli Rosich Soraes Velloso

Título do projeto de pesquisa: Anti-psicologismo e a concepção de objetividade presente no parágrafo 26 do *Fundamentos da Aritmética* de Gottlob Frege

Título da comunicação: O paradoxo do “conceito cavalo”

Resumo:

Gottlob Frege é conhecido por ter proposto as primeiras alterações substanciais na lógica desde Aristóteles e sua filosofia era baseada em três princípios fundamentais por ele anunciado em seu *Fundamentos da Aritmética*, dentre eles o de não se perder de vista a distinção entre conceito e objeto, princípio que esse que ele anunciara já em seu primeiro livro *A Conceitografia*, como algo que resistiria ao “teste do tempo”. No entanto, um filósofo chamado Benno Kerry discordou da maneira como Frege encarava essa distinção e a resposta fregeana veio na forma de um artigo intitulado *Sobre o Conceito e o Objeto*. O objetivo da distinção conceito e objeto é o de substituir a base do modelo análise lógica vigente desde Aristóteles. A análise da estrutura da proposição elaborada por Frege utiliza as noções de “expressão funcional” e “argumento” ao invés das tradicionais “sujeito” e “predicado”, introduzidas pela filosofia grega. As noções de “expressão funcional” e “argumento” possuem as noções de “conceito”, e “objeto” como correspondentes ontológicos. Importante destacar que um argumento pode estar tanto para um conceito quanto para um objeto, o que levará a uma estrutura de tipos na linguagem lógica proposta por Frege. Para o filósofo a adoção dessas duas noções linguísticas oriundas da matemática refletiria de forma mais precisa a estrutura lógica da proposição. A questão fundamental sustentada por Frege é a de que a distinção entre conceito e objeto é absoluta, ou seja, um termo que designa um objeto, um termo singular, tem um comportamento lógico diferente do de um que designa um conceito, um termo geral. Um termo singular, que designa um objeto, é semanticamente completo, funciona como um nome próprio como, por exemplo, “Pelé”, além disso, pode ser apresentado através de uma descrição definida, que é a aposição de um artigo definido a uma ou mais propriedades, como no caso “o rei do futebol”. Já um termo geral, que designa um conceito, é semanticamente incompleto e sob ele podem cair tanto termos singulares quanto outros termos gerais. Para compreender o que Frege entendia por semanticamente incompleto, por exemplo, se digo “é rei do futebol” claramente se compreende o significado das palavras, contudo surge a pergunta, *quem* é o rei do futebol? Nesse caso, devo completar esse “quem” com um termo singular, se completo com “Pelé”, tenho uma sentença semanticamente completa, bem formada e verdadeira, se completo com “Xuxa”, tenho uma sentença semanticamente completa, bem formada e falsa. A dificuldade em se sustentar a distinção como absoluta é a apresentada por Kerry através do contraexemplo “O conceito ‘cavalo’ é um conceito de fácil aquisição”, que, segundo ele corrobora a tese de que é possível aceitar que conceitos comportem-se como objetos, o que relativizaria a distinção entre termos singulares e gerais. Essa dificuldade leva Frege a enunciar o que ficou o que ficou conhecido como paradoxo do conceito cavalo – “o *conceito* cavalo não é um conceito”. A questão fundamental a ser respondida por Frege para sustentar a tese de que a distinção entre termos singulares e gerais é absoluta dependerá da possibilidade de se referir a conceitos sem que eles figurem como objetos e nessa resposta que consistirá nossa exposição.

Doutorando: Wilame Gomes de Abreu

Linha de pesquisa: Ética e Filosofia Política

Orientadora: Helena Esser dos Reis

Título do projeto de pesquisa: Interesse e conflito na vontade geral: uma análise do pensamento político de Jean-Jacques Rousseau

Título da comunicação: Fundamentos da Teoria da Convenção em Jean-Jacques Rousseau

Resumo:

Esta comunicação é a primeira apresentação do corpo da tese intitulada *Fundamentos da teoria da convenção em Jean-Jacques Rousseau*; de que se objetiva dar conhecimento de elementos constitutivos das partes que integram o conjunto desta tese. Nesse sentido, a tese é ordenada da seguinte forma: Introdução, Primeira Parte, Segunda Parte e Conclusão. Entretanto, para melhor delimitação dessa comunicação tratar-se-á apenas de uma breve visualização e caracterização dos Capítulos que integram o conjunto da Primeira parte: Fundamentos, e o da Segunda parte: Convenção. De maneira que desenvolverá o seguinte percurso expositivo: a Primeira parte compreende o Capítulo 1: Argumento ontológico; o Capítulo 2: Argumento antropológico; o Capítulo 3: Argumento psicológico; o Capítulo 4: Argumento histórico; o Capítulo 5: Argumento político; e o Capítulo 6: Argumento jurídico. Quanto à Segunda parte tratar-se-á sobre a Convenção, a Distinção entre natural e legal, a Questão da legitimidade e a Obrigação perpétua. Parte-se do pressuposto que o *X Seminário Interno da Pós-Graduação em Filosofia da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Goiás* seja tão somente um evento para conhecimento do andamento e estágio de desenvolvimento de cada pesquisa. Portanto, se oportunizará com essa comunicação aos participantes-presentes o conhecimento do andamento e estado de arte da tese.